FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE LETRAS

CLÁUDIA MENDES CARDOSO
MARIA DE JESUS MENDES CARDOSO
TALITA OLIVEIRA COSTA

LÍNGUA INGLESA: desenvolvimento histórico e seu processo de ensino e aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental

Chapadinha
2014

CLÁUDIA MENDES CARDOSO
MARIA DE JESUS MENDES CARDOSO
TALITA OLIVEIRA COSTA

LÍNGUA INGLESA: desenvolvimento histórico e seu processo de ensino e aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP para obtenção do grau em Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profª Ana Carolinne de Oliveira Lima.

Chapadinha
2014

CARDOSO, Cláudia Mendes;

LÍNGUA INGLESA: desenvolvimento histórico e seu processo de ensino-aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental. Maria de Jesus Mendes Cardoso; Talita Oliveira Costa. – Chapadinha 2014.

62 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade do Baixo Parnaíba, 2014.

1. Introdução 2. O surgimento da língua inglesa 3. Os avanços da língua inglesa como idioma mundial 4. Ensino e aprendizagem de língua inglesa 5. O processo de ensino-aprendizagem em Língua Inglesa nos anos finais do ensino fundamental.

CLÁUDIA MENDES CARDOSO
MARIA DE JESUS MENDES CARDOSO
TALITA OLIVEIRA COSTA

LÍNGUA INGLESA: desenvolvimento histórico e seu processo de ensino e aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP para obtenção do grau em Licenciatura em Letras.

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª Ana Carolinne de Oliveira Lima (Orientadora).
Licenciada em Letras
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____
1º Examinador

_____
2º Examinador

Agradeço à minha família, em especial ao meu pai Clóves Mendes Cardoso, à minha avó Maria Mendes Cardoso, à minha tia Rosa e ao seu esposo José por aconselhar-me a sempre trilhar o caminho dos estudos.

Cláudia Mendes

À minha família, em especial ao meu Pai Raimundo Nonato Mendes, à minha Mãe Maria dos Anjos Mendes e aos meus irmãos, por sempre ajudar-me e pela confiança depositada em mim, por sempre incentivarem nos meus sonhos e estarem ao meu lado. Sem eles, jamais seria o ser humano que sou hoje. À minha tia Socorro Cardoso e o seu esposo Luís Seiva por terem me acolhido em sua casa.

Maria de Jesus Mendes

À minha família pelo apoio emocional, aos meus pais Mário Junior Alves da Costa e Maria Oliveira da Costa, que estão sempre ao meu lado, seja nos momentos felizes ou tristes. Agradeço também à Dona Rosa e seu esposo José, que me acolheram em sua casa com muito amor e carinho durante essa jornada. Enfim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram de forma positiva com minha formação, com meu amadurecimento pessoal, profissional e científico.

Talita Oliveira Costa

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pela árdua batalha que nos proporcionou para que pudéssemos aprender a assimilar os ensinamentos recebidos; pelas madrugadas que passamos em claro, pelas vezes que renovou nossas forças quando o desânimo se abateu sobre nós. Todo agradecimento é ainda pouco. Pai de bondade nós vos pedimos a vossa orientação para alcançar a vitória, sabedoria e coragem para enfrentar os obstáculos.

Os nossos sinceros agradecimentos aos nossos pais que um dia nos deram vida; a vocês que de alguma forma nos criaram, nos protegeram e nos prepararam para enfrentar a vida; a vocês que dedicaram anos de suas vidas contando histórias e até mesmo enxugaram nossas lágrimas; vocês são amigos e companheiros, mesmo nas horas em que nossas ideias parecem impossíveis; a vocês que a todo o momento nos incentivam para um futuro brilhante; a vocês que um dia nos mostraram o grande universo que tínhamos a nossa frente. Hoje procuramos entre palavras àquelas que gostaríamos que seus corações ouvissem do nosso, e só encontramos um simples e sincero obrigada.

À nossa família, o que dizer de algo que é tão importante para nós, é o alicerce de tudo, é a base que nos sustenta. São aqueles que toleram nossas reclamações, nos amparam nos momentos de tristeza, vibram com as nossas conquistas. A família sempre está ali, pronta para o que der e vier, não espera nada em troca. No momento tão importante em nossas vidas, é claro que não poderia faltar essa homenagem.

Aos amigos que sempre incentivaram nossos sonhos e estiveram sempre aos nossos lados. Aos colegas de turma que souberam conviver de maneira harmoniosa e agradável.

Não poderíamos deixar de agradecer àqueles que nos orientaram, dando-nos a condição de uma visão crítica, para que não tropeçássemos na obscuridade da ignorância. Enfim, um agradecimento sincero aos mestres que, muito mais que mestres, foram nossos amigos; e nossa compreensão aos somente mestres e àqueles que, com seus problemas, não foram amigos nem mestres, mas passaram por nós, nosso sincero afeto.

À diretora da Faculdade do Baixo Paraíba – FAP, Profª Ms. Raimunda Nonata Fortes Braga, pelo pioneirismo e coragem na construção e organização da instituição FAP, que contribuiu decisivamente para a nossa graduação no curso de Letras assim como os demais cursos por ela desenvolvidos.

À professora Ana Carolinne de Oliveira Lima, por sua orientação e paciência na elaboração desta pesquisa.

À coordenadora do curso Profª Ms. Cleane de Jesus Costas Barradas, pelo incentivo durante a nossa longa e árdua caminhada em busca desse desejado sonho agora realizado.

Enfim, agradecemos a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Agradecemos a todos aqueles que de uma forma direta ou indireta, contribuíram para o nosso amadurecimento pessoal e profissional. Por fim, só podemos dizer obrigada a todos pelo apoio, dedicação, respeito e paciência.

“Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai alem do saber de outra experiência feito, que levem em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como principal objetivo apresentar um estudo bibliográfico sobre a importância da aprendizagem do inglês nos anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica que consistiu no levantamento de material impresso, xerocopiado e eletrônico para análise e discussão. Teve contribuição de autores importantes na área, como: Vian Junior (2012); Selbach (2010); Godinho (2001) Cândido (2011); Almeida Filho (2010); Crystal (2005); Libâneo (2008), entre outros. Conclui que o desenvolvimento histórico dessa língua, o inglês sofreu grandes alterações ao longo dos anos até se tornar o que é hoje, uma língua mundial

Palavras-chave: Língua inglesa. Ensino e aprendizagem. Globalização.

ABSTRAT

His monograph aims to present a bibliographic study on the importance of learning English in the final year of elementary school. To do so, we developed a literature search that was done in printed and electronic material xerocopiado for analysis and discussion. Had contributions by leading writers in the field, as Vian Junior (2012); Selbach (2010); Godinho (2001) Cândido (2011); Almeida Filho (2010); Crystal (2005); Libâneo (2008), among others. Concludes that the historical development of this language, English has undergone major changes over the years to become what it is today, a world language
Keywords: English Language. Teaching and learning. Globalization.

SUMÁRIO

p.

1 INTRODUÇÃO..... 10

2 O SURGIMENTO DA LÍNGUA INGLESA..... 12

2.1 As fases do desenvolvimento da língua inglesa..... 14

2.2 Inglês antigo (Old English)..... 15

2.3 A invasão latina..... 17

2.4 A invasão viking..... 18

2.5 A invasão normanda..... 20

2.6 Algumas características do inglês antigo..... 21

2.7 Inglês Médio (Middle English)..... 23

2.8 Inglês moderno..... 26

3 OS AVANÇOS DA LÍNGUA INGLESA COMO IDIOMA MUNDIAL..... 28

3.1 Por que o inglês tornou-se língua franca?..... 33

4 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA..... 36

4.1 Por que aprender inglês?..... 43

5 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL: um breve percurso histórico..... 45

6 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL..... 47

6.1 A importância do inglês..... 51

6.2 A importância do professor na condução do ensino de língua inglesa..... 54

6.3 A metodologia de ensino da língua inglesa..... 56

7 CONCLUSÃO..... 60

REFERÊNCIAS..... 62

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico teve como principal objetivo apresentar um estudo bibliográfico sobre a importância da aprendizagem do inglês nos anos finais do ensino fundamental nos dias atuais, considerando aspectos relevantes como: o conhecimento histórico sobre o desenvolvimento da língua inglesa, os empréstimos linguísticos de diferentes regiões que ajudaram a enriquecer o seu vocabulário, uma vez que o inglês é o resultado de uma história marcada por grandes influências de diversas línguas, e a importância do professor como mediador do conhecimento.

O inglês não é um idioma exclusivamente da Inglaterra, porém, é o idioma de todos os extensos domínios e colônias associadas ao império britânico. Assim, o estudo dessa língua é visto pelo âmbito educacional como um estudo complexo, devido às exigências de professores capacitados para ensinar e de alunos motivados para aprender.

O trabalho em questão surgiu a partir da curiosidade em decorrência de alguns fatores: primeiro, entender por que é uma tarefa difícil fazer com que os alunos tenham interesse e aprendam esse idioma; depois, entender o que o professor poderia fazer para estimular os alunos. Assim, nesta pesquisa aborda-se sobre os avanços da língua inglesa como idioma mundial e a importância da aprendizagem da língua inglesa nos anos finais do ensino fundamental.

A pesquisa caracteriza-se como pesquisa bibliográfica. No decorrer do levantamento do material bibliográfico para a análise teórica, procurou-se a partir de análises e discussões de autores como Vian Junior (2012), Crystal (2005), Selbach (2010), entre outros, abordar sobre a importância do inglês no mundo moderno, como ele tem contribuído e se manifestado em meio a tantas mudanças no mundo globalizado.

Dessa forma, o trabalho está organizado em seis capítulos. O primeiro ressalta o inglês como fonte de estudo, resolvendo debruçar-se um olhar investigativo, através de pesquisas bibliográficas; em revistas e outros; o segundo aborda sobre as mudanças que o inglês sofreu ao longo dos anos; o terceiro trata dos avanços da língua inglesa como idioma mundial e como o mesmo passa a ser valorizado por se tornar um idioma utilizado no mundo todo; no quarto, discute-se

sobre ensino e aprendizagem de língua inglesa e como esta pode contribuir de forma positiva na vida de qualquer cidadão; o quinto capítulo apresenta uma abordagem sobre o percurso histórico da língua inglesa no Brasil; no sexto, discute-se sobre o processo de ensino e aprendizagem em língua inglesa nos anos finais do ensino fundamental e como a maioria dos alunos sente dificuldade em relação à sua aprendizagem.

O estudo da Língua Inglesa vem se fazendo cada vez mais necessário. E é evidente que havendo a utilização de metodologias diversificadas, com conteúdos e métodos novos e criativos, sem dúvida há um despertar da curiosidade do aluno, ajudando-o a ter um melhor resultado no processo de aprendizagem. E, no último capítulo, apresenta-se a conclusão e considerações sobre a pesquisa realizada.

Trata-se aqui de um trabalho extenso, e em sua concisão as abordagens são relevantes fontes de informação que ajudam a compreender por que os alunos têm que aprender e para que aprender a Língua Inglesa. E, por fim, espera-se que este trabalho monográfico contribua de forma positiva na construção de novos conhecimentos para aqueles que tiverem acesso a ela.

2 O SURGIMENTO DA LÍNGUA INGLESA

A língua inglesa é o resultado da invasão das Ilhas Britânicas feitas pelas tribos de anglos, saxões, jutos, frisões e vinquingues, e também pela aceitação e apoio vindo dos gregos, romanos e franco-normandos. Assim, considera-se indispensável reconhecer que as aulas de língua inglesa devem contemplar não apenas normas e regras do idioma, mas também a sua história, que necessita ser abordada e compreendida pelos estudantes. Segundo Godinho (2001, p. 31, grifo do autor):

> No século V, a Inglaterra foi invadida pelos anglos, saxões, jutos e frisões vindos do litoral norte da Europa, da Holanda, Alemanha e Dinamarca. Seus idiomas eram germânicos e ao se fundirem, formaram as bases da Língua Inglesa. Os saxões se fixaram no Sul e no oeste (no chamado “Saxon Shore”, o litoral saxão), os anglos do leste (em East Anglia) e os justos no sudeste (em Kent). O frisão ainda é falado no litoral norte da Holanda e da Alemanha até a fronteira com a Dinamarca. De todas as línguas germânicas atuais do continente europeu é a mais parecida com o inglês.

A Inglaterra é o território mais extenso e mais povoado do Reino Unido. Habitada por povos Celtas desde o século V a.C., a mesma foi colonizada pelos romanos entre 43 d.C. e meados do século V.

Na época em que o Império Romano invadiu e conquistou a ilha da Grã-Bretanha, o povo que habitava esta região eram os celtas. Chegaram lá vindos de diversas partes da Europa, esses ocorridos foram entre os séculos II e III a.C.. A palavra celta (origem grega/Ilha grega situada no mar mediterrâneo) tem como designação um conjunto de habitantes de uma localidade (um etnónimo), organizados em múltiplas tribos e pertencentes à família linguística indo-europeia que se espalharam pela maior parte do Oeste da Europa a partir do segundo milênio a.C.

Os celtas possuíam uma religião politeísta, ou seja, acreditavam em vários deuses, costumavam praticar seus rituais religiosos ao ar livre. No calendário celta, havia diversas festas místicas, como exemplo tem-se o Imbolc (em homenagem à deusa Brígida). Essa festa costumava marcar o início do cultivo de sementes. As cerimônias e os rituais ficavam sob responsabilidade dos druidas, o sacerdote dos celtas. Segundo Godinho (2001, p. 28).

> Em tempos remotos, os celtas haviam sido senhores de vastas regiões do continente europeu, espalhando sua cultura, língua, costumes e religião

> entre os povos que conquistaram. Para eles, invasões, glórias e violência não eram novidades. Mas a índole dos celtas não incluía o sentido de grande organização militar ou política. As tribos celtas, embora ligadas pela origem da língua, costumes e religião, nem sequer cogitavam de governos centrais bem definidos. Essa falta de unidade política talvez tenha sido o maior motivo para a sua decorrência nas mãos dos seus inimigos, o que resultou na quase extinção de sua língua e cultura.

Como se observa, os celtas dominavam várias regiões do continente europeu, difundindo sua língua, cultura, religião e também seus costumes. E por não terem uma organização política, a língua, os costumes e cultura dos celtas quase foram extintas.

Em 1500 anos de evolução, o inglês sofreu também influência de outras línguas, entre elas estão o celta, a língua latina e a francesa. Portanto, percebe-se que o inglês tem origem no idioma dos Anglos e Saxões, povos germanos (de origem latina significa pessoa fraternal) conhecidos também como bárbaros e coletivamente como anglo-saxões. Esses grupos incluíam jutos da Jutlândia, juntamente com um maior número de saxões, provenientes do noroeste da Alemanha, e anglos, provenientes do atual estado alemão de Schleswig-Holstein. Antes desses assentamentos, alguns frísios invadiram o leste da Grã-Bretanha durante os anos de 250. Para Godinho (2001 p, 27):

> O inglês nasceu num berço tosco, sujeito a violentas chuvas e trovoadas. E os tempos de sua infância e adolescência não foram muito melhores. A turbulência nas Ilhas britânicas veio em ondas. A primeira delas trouxe o embrião do idioma na ponta de uma espada empunhada pelos anglos, saxões, jutos e frisões. Vieram muitas outras. Fiéis às suas origens e costumes bárbaros, os invasores não perdiam uma oportunidade de brigar entre si, mesmo sabendo da necessidade de combater o inimigo comum – os celtas. Depois, em momentos de maior tranquilidade, o inglês foi submetido às influências do latim e do grego trazidos por Santo Agostinho quando as ilhas foram convertidas ao cristianismo. Mais tarde, foi novamente subjugado por invasores do norte, desta vez os viquingues, e, finalmente, foi dominado e transformado pelos normandos, de fala francesa.

A maior parte da população da Europa ocidental pertencia às etnias celtas até a eventual conquista do Império Romano sobre aqueles territórios, os celtas organizavam-se em grupos que ocupavam o território desde a Península Ibérica até à Anatólia. A maioria dos povos celtas foram conquistados, e mais tarde integrado pelos romanos, ainda que a maneira de vida celta tenha, sob muitas formas e com muitas alterações resultantes da aculturação devida aos invasores e à posterior cristianização, sobrevivido em grande parte do território por eles ocupado.

Segundo Godinho (2001 p, 29).

> Essa era a situação dos celtas no ano de 55 a.C. quando Júlio César e suas legiões pisaram o solo britânico pela primeira vez. Mas a conquista não foi fácil. Levou vários anos para que os romanos se estruturassem e somente em 43 a. C. eles conseguiram subjugar as tribos e consolidar o seu controle sobre a ilha. A ocupação romana durou cerca de 400 anos, tempo suficiente para que os celtas se desabituassem das antigas atividades guerreiras. Isso os deixou bastante vulneráveis quando as legiões romanas começaram a abandonar o território britânico. O período de retirada foi longo; os últimos soldados só voltaram para casa em 436.

Devido às dificuldades enfrentadas por Roma, as legiões românicas por volta de 410 d.C. se removeram da Britannia. A partir daí seus habitantes, os celtas, ficaram à mercê de seus adversários como os escotos e pictos. A partir de 449 d.C., os celtas não dispunham de forças militares para se defenderem, por isso resolveram recorrer às tribos germânicas, aos anglos, saxões e aos frísios para conseguir apoio. Porém, essas tribos aproveitaram a situação para tornarem-se invasoras, estabelecendo-se nos espaços mais produtivos do sudeste da Grã-Bretanha. Começaram, então, a se instalarem a partir do período em que deram início à construção de vilas, aumentando a população local.

Os celtas-bretões que sobreviveram foram se abrigar no oeste (Gales) (de origem romana significa rio que desemboca no Golfo de Taranto) e no sul (Cornualha). A agitação foi tão duradoura que quase não ficaram traços da língua celta na língua inglesa. Com o passar do tempo, as línguas dos anglos e dos saxões começaram a evoluir e deram origem ao inglês.

2.1 As fases do desenvolvimento da língua inglesa

As fases do desenvolvimento do inglês iniciaram com os dialetos germânicos que eram falados pelos anglo-saxões. O inglês passou por grandes transformações e para que essas transformações pudessem ficar bem entendidas foi necessário dividir a história do inglês, como pontuado por Godinho (2001, p, 27, grifo do autor):

> O tumulto foi tão prolongado que os estudiosos foram obrigados a dividir o desenvolvimento da língua inglesa em três períodos: o antigo inglês (Old English), que antes era chamado de anglo-saxão, começado com as primeiras invasões em 449 d. C. até 1066 ou 1100; o inglês médio (Middle English), que vai de 1066 ou 1100 até 1450/1500, e o inglês moderno, que

> começa em 1450/1500 e é dividido em duas fases: o inglês moderno clássico (1450-1660) e o inglês moderno contemporâneo (1660 até os nossos dias).

Quem desfrutava dessas línguas eram os invasores da Grã-Bretanha. Vian Junior (2012) esclarece que as transformações do inglês se deram em fases diferentes com influências dos contextos sociais e históricos vivenciados em cada momento. Além disso, foram ocorrendo as mudanças de acordo com os contatos entre o inglês e outras línguas dos povos invasores da Grã-Bretanha.

O inglês sofreu grandes mudanças, por esse motivo ele foi dividido de acordo com os contextos históricos de cada época, isso facilita o entendimento e o estudo em relação ao processo de desenvolvimento do inglês tanto na linguagem quanto na escrita. Crystal (apud VIAN JUNIOR, 2012, p. 20, grifo do autor), afirma que:

> O termo *inglês*, que utilizamos para nomear a língua, tem sua origem nos textos em inglês antigo, sendo referido como *Englisc* e, mais tarde, em textos latinos do século VI, utilizava-se *angli*, para se referir aos anglos. No século VII, as palavras latinas *angli* e *anglia* eram usadas para se referir ao idioma. As referências ao nome do país como *Englaland*, a terra dos anglos, do qual se originou *England*, não haviam aparecidos até o ano 1000 [...].

No entanto, o termo inglês passou por vários processos até se fixar como *Englaland,* que significa terra dos anglos. No tópico seguinte, serão abordadas as fases do inglês. Será feito um estudo primeiramente voltado para o inglês antigo e o inglês médio; essas duas primeiras fases têm como objetivo contribuir na compreensão de como o inglês surgiu na Inglaterra e como ele espalhou-se por todo o mundo até se tornar o que é hoje, uma língua global.

2.2 Inglês antigo (Old English)

O Inglês Antigo (de 449 d.C até 1066 ou 1100) era chamado de anglo-saxão. Para Vian Junior (2012, p. 20): “Anglo-saxão foi um termo utilizado por muito tempo para se fazer referência aos aspectos culturais, linguísticos do que hoje chamamos inglês antigo (Old English).” Nesse contexto, pode-se observar que o termo anglo-saxão foi utilizado para representar o inglês que nos dias atuais é conhecido como Inglês Antigo.

O inglês pertence à língua da família germânica. O início desse idioma foi marcado pelas primeiras invasões feitas pelos jutos, anglos, saxões e frísios. Eles vieram das regiões que hoje são conhecidas como: Holanda, Dinamarca e Alemanha. Essas línguas (saxons, frisions, jutos e anglos), na época da invasão da Grã-Bretanha, começaram a ter contato com os celtas que eram os povos que habitavam aquela região. Vian Junior (2012, p. 20) afirma que:

> As línguas faladas nas ilhas britânicas antes das invasões anglo-saxãs pertenciam à família das línguas celtas, disseminadas pelos povos que habitaram as ilhas por volta da metade do primeiro milênio antes de Cristo [...]. Mais tarde, foram invadidos por povos vindos do norte da Europa, entre eles os saxões, os anglos e os jutos e, posteriormente, os latinos, os vikings e os normandos, que deixaram suas marcas na língua e na cultura.

Foram esses idiomas que deram origem ao que hoje se conhece como Inglês antigo, que utilizavam as letras do alfabeto rúnico (antigo alfabeto germânico), logo substituído pelo romano, introduzido por missionários irlandeses.

Os dialetos anglos-saxões e jutos representam a variação do germânico ocidental, que era a língua que os invasores usavam, o mesmo marca a segunda parte do século V e foi a partir desse século que ocorreram as invasões germânicas.

No ano de 449, três tribos teutônicas iniciaram a conquista da Grã-Bretanha: os jutos, anglos e também os saxões, procedentes respectivamente da Jutlândia (atual Dinamarca), de Schleswig e de Holstein (atual Alemanha). Assim sendo, o idioma tinha um caráter eminentemente sintético, isto é, somente a declinação de substantivos, adjetivos, pronomes e verbos determinavam a relação entre as palavras numa frase.

A ordenação era mais livre do que na língua atual. No Inglês Antigo, havia três gêneros gramaticais, que são eles: feminino, masculino e neutro. Sabe-se que grande parte desse vocabulário, desapareceu do vocabulário posterior, o mesmo apresentava caráter fundamentalmente germânico.

No século IV, ocorreram invasões de tribos nativas da península escandinava e da Dinamarca, que assentaram no norte e no leste da Grã-Bretanha. A influência linguística das mesmas foram mínimas, logo, abandonaram sua língua de origem, a favor da língua do território conquistado.

O inglês atual conserva vestígios da influência escandinava em palavras cotidianas, como exemplos têm os substantivos *egg* (ovo), *knife* (faca) e *sister* (irmã), também verbos como *to call* (chamar), *to die* (morrer) e *to give (*dar). E, por

fim, os adjetivos como *flat* (plano) e *ill* (doente). E também na presença do som *sk* em palavras como *sky* (céu) ou *skill* (habilidade). Numerosos topônimos[1] terminados em *by* (cidade) e *thorp* (aldeia) como: *Rugby*, *Whitby* e *Linthorpe* e, especialmente, os pronomes da terceira pessoa do plural (*they*, *them* e *their*), que substituíram o complexo sistema pronominal anterior que se devem à influência escandinava.

O Inglês Antigo é marcado por 3 (três) invasões, que são elas: A invasão latina, A invasão viking e a invasão normanda. Essas invasões serão apresentadas nos capítulos que seguem.

2.3 A invasão latina

A influência da língua latina foi trazida pelos romanos. O ponto mais marcante dessa influência foi o cristianismo. Esse ocorrido iniciou com a inserção entre os anglo-saxões em 597. Vian Junior (2012 p.20) afirma que:

> É de Gregório, mais tarde papa, a iniciativa de enviar para a Bretanha, por volta do ano 50, Agostinho, monge Beneditinho, juntamente com outros monges com a intenção de converter as tribos conhecidas como selvagens da Bretanha. Apontam em Kent, onde já havia, segundo relatos históricos, uma pequena comunidade cristã, que os acolhem e que são recebidos pelo rei Aethelbert, conforme relato de Bedan, o Venerável, historiador e uma das fontes sobre os aspectos históricos desse período.

Segundo o autor, a partir daí deu início à conversão ao cristianismo, e essa conversão foi feita por causa de Santo Agostinho e outros monges que eram os convertidos. Entende-se que ela deixou muitas marcas da língua latina na língua inglesa. Isso aconteceu porque muitas palavras que estão ligadas ao cristianismo foram incorporadas ao inglês. Vian Junior (2012, p, 20), explica com muita clareza qual a importância dessa influência e a importância do ponto de vista cultural:

> [...] Uma vez que marca uma revolução cultural e um enriquecimento do inglês antigo com a inserção das palavras latinas, além do fato de ampliar os horizontes linguísticos para a expressão das ideias e conceitos abstratos trazidos pela religião introduzida por Agostinho.

[1] Expressão usada para nomear um lugar (SOUSA, 2014).

Portanto, pode-se observar que o ponto marcante da invasão latina na Inglaterra foi o cristianismo e a grande influência do inglês com as palavras ligadas à religião.

No século IX, o saxão ocidental era a língua mais difundida. Através da influência com o império de Roma, e da evangelização de Santo Agostinho de Canterbury. Viney (2003, p 9, Tradução nossa) relata que: “[...] O cristianismo foi espalhado vagarosamente e de forma pacífica pelo resto da Inglaterra. Os monges construíram igrejas e ensinaram literatura e ciência tão bem quanto o cristianismo”.

Para concretizar essa afirmação, o autor afirma que a língua mais difundida era o saxão ocidental. Isso se deu através da influência do império de Roma e da evangelização de Santo Agostinho. Além disso, tanto os monges quanto o cristianismo ensinaram bem a literatura e ciência para os povos habitantes da região.

2.4 A invasão viking

Uma das razões de o inglês ter se tornado a língua mundial foi por causa da língua germânica ocidental que surgiu com os anglo-saxônicos por volta do século V, e que incorporou elementos da língua nórdica antiga dos vikings depois das ocupações dos séculos VIII e XI. Vian Junior (2012, p. 21) expõe sua ideia da seguinte forma:

> Após a forte influência latina na Inglaterra, ocorreram várias invasões de povos escandinavos entre os anos de 750 e 1050, principalmente da região em que hoje se localizam a Suécia, a Finlândia e a Dinamarca. Esses povos, conhecidos como vikings, invadiram diversas regiões da Europa, entre elas, a região em que hoje se situa a Grã-Bretanha.

Era grande a influência latina sobre a Inglaterra e com isso ocorreram muitas invasões. Os povos chamados vikings que vieram a habitar a Inglaterra também praticavam invasões, inclusive na Grã-Bretanha.

Os vikings, conhecidos como guerreiros do mar da região norte, influenciam significativamente na formação da língua inglesa. Depois de um período de saques e incursões, os vikings começaram a colonizar a Inglaterra e comercializá-la. Vieram em barcos com bons exércitos, em sua

maioria dinamarqueses, e se apoderaram de quase todos os reinos ingleses, que eram independentes. A partir do fim do século IX, administravam boa parte das terras inglesas, no que era conhecido como o Danelaw.

Conforme afirma Godinho (2001, p, 41).

> Os escandinavos e dinamarqueses, geralmente chamados de viquingues, volta e meia atacavam e saqueavam localidades na Inglaterra. Com o saque de Lindisfarne, no norte, em 793 d.C., eles mostraram que tinham chegado para ficar. Em meados do século IX já controlavam cerca de metade da Inglaterra. Os “danes”, como eram chamados pelos anglos-saxões, foram finalmente derrotados pelo rei Alfred de Wessex, e se retiraram para o território acima da linha chamada “Danelaw”, estabelecida pelo tratado de Wedmore, em 878. A influência dos “danes” foi enorme na estrutura e vocabulário da língua inglesa.

O Rei Alfred (849-899) foi o responsável por obrigar o rei Guthrun (dinamarquês) a assumir o tratado de Wedmore. Guthrun.Foi obrigado a se comprometer em ser batizado e a concordar em dividir a Inglaterra em duas partes. A divisão foi feita da seguinte forma: o rei Wessex ficaria controlando a região Sul, e os dinamarqueses ficariam controlando a região norte. Essa região veio a ficar conhecida pelos historiadores como Danelaw, que cobri *East Anglia*, *Essex* e *Nortumbria.*

Danelaw é conhecida como uma linha que foi e é de fundamental importância até os dias atuais, para a divisão entre os dialetos ingleses da região sul e norte.

Os *vikings* dinamarqueses foram os responsáveis pela forte influência de sua linguagem sobre a língua inglesa, suas maiores influências foram relacionadas a nomes de algumas cidades da Inglaterra como serão citadas a seguir. Vian Junior (2012, p. 21, grifo nosso) faz o seguinte comentário sobre essa temática:

> Dos povos vikings, os dinamarqueses exerceram maior influência na Grã-Bretanha. Muitos são os nomes de cidades britânicas com essa origem e observam-se no inglês moderno várias palavras atribuídas à influência dos colonizadores desse país, entre as quais *both*, *same*, *get*, *give*.

Diante do que foi apresentado, pode-se observar que a Inglaterra sofreu várias invasões pelos *vikings*. Porém, dos povos vikings que mais exerceram influência dentro do inglês foram os vikings dinamarqueses. Essa influência repercutiu na língua e no país.

2.5 A invasão normanda

A Invasão normanda ocorreu no ano de 1066. Os normandos eram medievais, e naquele período encontravam-se localizados no Norte da França. Essa invasão foi feita por *Hastings*, na região Sul da Inglaterra. Tanto a família como a corte de Harold foram destruídos na batalha. A partir daí, os normandos de forma rígida assumiram o controle de todo o território. Dessa forma, eles começaram a investir na construção de castelos, a mão de obra utilizada era dos próprios ingleses.

> O conde Willian, vindo da Normandia, assumiu o poder e também bispos e abades normandos assumiram o controle das igrejas. Willian foi coroado rei na Abadia de Westminster em 1066. Conforme relatos históricos, a cerimônia de coroação foi celebrada em inglês e em latim e, embora Willian tivesse tentando aprender o inglês, não conseguiu mantê-lo em função de suas diversas tarefas. (MCCRUM; MACNEIL; CRAN, apud VIAN JÚNIOR, 2012, p. 22)

Observa-se que outras línguas, além do inglês, eram usadas na Inglaterra, como o francês e o latim. Eram utilizadas para as cerimônias religiosas, para a ciência e para a Lei. Naquele período, era como se o inglês estivesse excluído pelos dominadores, porém ainda era falado no contexto familiar. Os normandos falavam francês, com exceção do rei Henry I(1068-1135), talvez porque ele era casado com uma inglesa. Vian Junior (2012, p. 22) corrobora dizendo que:

> Essa situação perdurou por longo período e apenas a partir de 1356 o inglês volta a ser utilizada de forma oficial em Londres. Em 1362, a sessão do parlamento foi aberta em inglês e, em 1381, Ricardo II dirige-se em discurso aos camponeses em inglês. Henrique IV assume o trono e o aceita em inglês, o que mostra a sobrevivência da língua que, embora sofrendo seguidas invasões, manteve-se em uso e se sobrepôs às invasões.

Diante disso, pode-se concluir que a influência dos normandos deixou marcas na língua inglesa. E dentro da mesma pode-se observar também que os normandos impuseram o francês como língua da nobreza. Dessa forma, apresenta-se a seguir uma tabela, para demonstrar algumas palavras de origem francesa e inglesa:

Quadro 1 – Palavras de origem francesa e inglesa

Francês	Inglês	Português
Capun	Capon	Capão
Servian	Serve	Servir
Bacun	Bacon	Bacon
Prisun	Prison	Prisão
Castel	Castle	Castelo
Cancelere	Chancellor	Ministro

Fonte: (VIAN JUNIOR, 2012, p. 22)

Portanto, pelo exposto no quadro acima, pode-se afirmar que as palavras de origem francesa trazidas pelos normandos serviram para o enriquecimento da língua inglesa. Com isso, as mesmas passaram a fazer parte do vocabulário dos ingleses.

2.6 Algumas características do inglês antigo

A evolução do inglês, durante o período histórico, é um processo de simplificação progressiva, tanto da gramática como do vocabulário. O Inglês Antigo, geralmente designado por Anglo-Saxão, era uma língua flexiva ou sintética (o sentido das palavras é determinado por modificação na sua forma). A maioria dos vocabulários do Inglês Antigo desapareceu, e o surgimento de novas palavras é um processo corrente no inglês. Uma ligeira alteração, especialmente nos sons das vogais, caracterizou o Inglês ao longo da história.

As características mais marcantes do Inglês Antigo são as vogais longas em particular, que vieram a sofrer consideravelmente modificações modernas. Por exemplo, a palavra pedra é *stone* no inglês atual, mas no Inglês Antigo escrevia-se *stane*. Os exemplos são muitos e entre estes pode-se destacar:

Quadro 2 - Diferença entre o Inglês Antigo e o Inglês Moderno

Inglês Antigo	**Inglês Moderno**	**Tradução**
Halig	Holy	santo, sagrado
Gan	Go	ir
Ban	Bone	osso
Rap	Rope	corda
Bat	Boat	barco
Hu	How	como
Folc	Folk	povo
Sawol	Soul	alma
Scip	Ship	navio
Fot	Foot	pé
Cild	Child	criança
Hus	House	casa
Wif	Wife	esposa, mulher
Benc	Bench	banco (assento)
Brethren	Brothers	irmãos
Thou hast	You have	tu tens, você tem
Fyr	Fire	fogo
Riht	Right	direito, cero
Hlaf	Loaf	pão

Fonte: (NASCIMENTO; SILVA; GONÇALVES, 2010, p. 38)

Fazendo uma comparação entre o Inglês Antigo e o Inglês Moderno, nota-se uma profunda mudança. Pode-se perceber que ambos apresentam muitas diferenças, tanto na pronúncia como no léxico, e na gramática. Observa-se no quadro acima que o desenvolvimento da língua inglesa passou por várias fases até atingir a condição presente, Godinho (2001, p.56, grifo do autor) ressalta que:

> As alterações no Inglês Antigo foram tão profundas que o resultado já apresentava características próprias. Por isso, foi necessário identificá-lo por outro nome, o Inglês Médio (Middle English), uma invenção dos estudiosos do século XIX para descrever o que tinha acontecido com o idioma entre os anos 1150 e 1450/ 1500.

Então, é notório que o Inglês Antigo passou por grandes alterações até se transformar em algo inteiramente novo de uma forma completa. Com as alterações

ao longo dos anos também houve a necessidade de modificá-lo com outro nome, sendo denominado, portanto, de Inglês Médio, apresentado a seguir:

2.7 Inglês Médio (Middle English):

O Inglês Médio surgiu em consequência da conquista normanda. Desde então, começaram a surgir na língua inglesa, muitas palavras escandinavas e nórdicas, designando objetos da vida cotidiana. Nesse período, ainda não havia nenhum registro escrito em relação a essas palavras. Assim, o Inglês Médio contribuiu significativamente para a formação e passagem da fala para a escrita. Como afirma Godinho (2001 p. 56).

> [...] não existia praticamente nada escrito em Inglês Antigo, muito do que é hoje é chamado de Inglês Médio é apenas um registro do que já havia acontecido com o Inglês Antigo falado. Provavelmente bem antes da conquista dos normandos, o inglês já havia passado por um forte processo de simplificação em que os vários tipos de flexão tinham sido abandonados. O Inglês Médio simplesmente veio confirmar o fato, por escrito.

Vê-se que as características do Inglês Antigo foram mantidas no Inglês Médio. No período da Idade Média, existiam vários dialetos, e para que uma língua viesse a ser considerada língua padrão ou oficial existiam muitos obstáculos. O latim era considerado o idioma oficial de forma culta, como afirma Vicentino(1997, p. 20):

> Até meados do século X, o latim constituía a única língua culta da sociedade europeia ocidental. Utilizava-se o latim na celebração das cerimônias religiosas e na redação de documentos oficiais e de obras literárias. [...] A partir do século XI, os idiomas nacionais foram se desenvolvendo, passando a ser utilizados também na forma escrita.

Entretanto, desde a Idade Média existia um conceito de idioma único, para que desse modo viesse a existir uma comunicação oficial entre as pessoas. Essa língua também era utilizada no mundo dos negócios e entre as pessoas daquele período. Passados alguns anos, o latim não mais prevaleceu como idioma oficial, o idioma que veio a substituí-lo foi o francês. A partir disso, houve um longo processo de disputas entre o francês e o Inglês.

A influência do francês sobre a língua inglesa foi enorme, mas a influência de uma língua sobre a outra demonstra principalmente que, por maior que seja essa influência, a mesma apenas contribui para o enriquecimento no vocabulário. Essa influência dificilmente vai afetar a estrutura gramatical ou a pronúncia.

Como ilustra o quadro abaixo na correspondência entre os léxicos ingleses e franceses.

Quadro 3 – Correspondência entre os léxicos ingleses e franceses

Inglês	**Francês**	**Português**
Begin	Commence	Início
Child	Infant	Criança
Freedom	Liberty	Liberdade
Help	AID	Ajuda
Wedding	Marriage	Casamento
Wish	Desire	Desejo

Fonte (VIAN JUNIOR, 2012, p. 23).

Entre os anos de 1337 a 1453, houve uma guerra entre a Inglaterra e a França, que ficou conhecida como Guerra dos 100 anos, que se sucedera por um conflito entre o rei John da Inglaterra e o rei Philip da França, isto é, o motivo maior foi porque o francês era a língua oficial, no entanto, o inglês queria se firmar como língua predominante.

Durante o período da Guerra dos 100 anos, o francês não estava tendo a apreciação da sociedade. A partir daí a língua inglesa começou a ganhar um forte impulso para ser falada por todos como idioma predominante. Esse não foi o único motivo que levou o francês a entrar em declínio, o outro motivo foi por que os aristocratas anglo-normandos que insistiam em falar o francês como língua oficial.

Os anglo-normandos passaram a sentir a pressão dos ingleses para abandonar o francês, e passarem a usar o idioma inglês que já havia estava predominante. Os anglo-normandos sentiam-se constrangidos a mudar de idioma por causa do comportamento que os próprios franceses vinham tendo. A pronúncia gutural (som produzido pela garganta) dos anglo-franceses havia virado motivo de zombaria entre os parisienses. A zombaria de Paris fez com que os normandos passassem a usar o inglês com orgulho. Essa foi uma reação que veio a facilitar a derrota contra o Francês na Inglaterra. Godinho (2001, p. 55, grifo do autor) destaca que:

> Apesar da importância que já tinha alcançado no Parlamento, o inglês ainda não era a língua oficial do reino – esta continuava a ser o francês. Algo mais

> era necessário para estabelecer a língua inglesa como predominante. Foi o que aconteceu quando o rei Henry V começou a usar o inglês em todas as atividades governamentais e pessoais, inclusive na redação do próprio testamento. Esta determinação do rei foi reforçada no verão de 1415, quando ele atravessou o canal da Mancha, invadiu a França e derrotou os franceses em Agincourt, uma da mais importante batalha da "Guerra dos 100 anos". O primeiro documento que ditou em solo francês foi na língua inglesa. Ao se recusar a usar o idioma de seus inimigos, ele queria deixar claro que a Inglaterra era soberana, inclusive na língua. A importância desta atitude foi muito bem percebida pelo povo; dali em diante a língua inglesa, falada e escrita, para todos os efeitos, passava a ocupar o seu legitimo lugar como o idioma oficial da Inglaterra.

Assim sendo, o inglês passou por muitos processos como: conquistas, invasões e várias influências de diversas línguas. Com isso, percebe-se que as atitudes de Henry V foram aceitas pelo povo. Desse modo, o inglês tornava-se o idioma oficial da Inglaterra.

Quadro 4 - Diferença entre o latim, francês, inglês e português

Latin	**Francês**	**Inglês**	**Português**
Factum	Fait	Feat	Feito
Confiscatus Conficare	Confisquer	Confiscate	Confiscar
Congratulatus Congratulare	Congratuler	Congratulate	Congratular
Exoneratus Exonerare	Exonerer	Exonerate	Exonerar
Instructus	Instruire	Instruct	Instruir

Fonte: (NASCIMENTO; SILVA; GONÇALVES, 2010, p.40)

No século XIV, o dialeto dos anglos teve prestígio por causa da evolução da vida urbana, que foi acompanhada pela fundação de universidades e o crescimento de uma favorável vida econômica e cortesã. O uso do dialeto dos anglos permanece vivo nas obras de Geoffrey Chaucer[2] e na impressão tipográfica realizada por William Caxton.

[2] Geoffrey Chaucer (1343-1400), Chaucer estudou direito, foi tradutor, diplomata, membro do parlamento, poeta e escritor. O mesmo era filho de comerciante de vinho. (GODINHO, 2001, p.60)

A obra considerada a mais importante de Chaucer foi o livro *The Canterbury Tales* (Os contos de Canterbury). Nele, o autor retrata toda a sociedade do século XIV como genialidade. Os contos são uma mistura de farsa, erudição, sátira, paródia e de realismo. Além disso, existem também histórias sérias. Chaucer foi o primeiro autor que usou com mestria a língua inglesa na literatura, o mesmo foi um poeta extraordinário, sendo assim considerado o pai da literatura inglesa.

William Caxton[3] (1420?-1491) ou (1422?-1491) foi o responsável por introduzir na Inglaterra a impressora móvel, que era uma invenção de Johann Gutenberg. Foi considerado o primeiro impressor em inglês, e também pelas primeiras publicações e edição das obras de Chaucer e de outros autores. Portanto, as atividades realizadas por Caxton foram, de certa forma, tão importantes para a língua inglesa quanto as de Chaucer.

No decorrer dos séculos, com as disputas entre os normandos das ilhas britânicas e os continentes, ocorreu o surgimento do sentimento nacionalista e, ao término do século XV, já era notório que o inglês já tinha prevalecido. O inglês já havia predominado como língua escrita, substituindo o francês e o latim, como língua oficial nos documentos. Além disso, começava a surgir uma literatura nacional. Vários conceitos administrativos, políticos e sociais foram incorporados nos novos vocabulários, para esses não havia equivalentes em inglês.

2.8 Inglês moderno

Entre as fases do Inglês Médio e do Inglês Moderno houve grandes transformações. Entre os anos de 1400 a 1800, existiu uma fase de transição de grande importância. Nessa fase, existe a história do inglês que completa toda a sua trajetória. Vian Junior (2012) explica que a primeira fase do Inglês Moderno ficou marcada por várias transformações até assumir as características que a língua possui atualmente:

[3] William Caxton – não se sabe ao certo em que ano ele nasceu, nem sobre a sua família e escolaridade. Sabe-se que ele foi comerciante, escritor, diplomata e pintor na Inglaterra (GODINHO, 2001, p. 60) .

> Os principais fatores que marcaram essa fase compreendem as transformações principalmente no léxico da língua, rico em empréstimos. É também nessa fase que ocorrem as maiores transformações na pronúncia, pontuação e na gramática, imprimindo à língua algumas características que até hoje permanecem. (VIAN JUNIOR, 2012, p. 32)

O Inglês Moderno surgiu entre os anos de 1450 a 1660, no século XVI até os dias de hoje. A divulgação da língua e a influência que recebeu são responsáveis pelo expressivo crescimento do léxico. Entre os séculos XVII e XVIII sucederam as mudanças gramaticais mais importantes. Mas o maior desenvolvimento e difusão aconteceram no século XIX, não sendo mais interrompidos desde então. Vian Junior (2012, p. 32), esclarece que há diferenças significativas entre as duas fases do Inglês Moderno:

> A primeira fase é rica em transformações e há uma preocupação bastante significativa com a produção de dicionários e de gramáticas para o estabelecimento de um inglês considerado padrão. Dois fatos principais marcam a primeira fase do Inglês Moderno: a tradução da bíblia para o inglês, conhecida como a bíblia do rei James, e as obras de William Shakespeare. É na segunda fase que se estabelecem padrões para a língua em seus diversos aspectos: léxico, sintaxe, pronúncia e ortografia e, a partir disso, inicia-se a preocupação com o papel da língua na sociedade.

Observa-se no exposto acima, o que aconteceu na primeira e segunda fase do Inglês Moderno. Segundo Vian Junior (2012), a primeira fase do Inglês Moderno é marcada pelas transformações na língua inglesa, em especial no vocabulário e na pronúncia. Já a segunda fase é marcada pela preocupação com a consciência sobre a língua e o seu papel dentro da sociedade.

Dessa forma, estudar a história de uma língua é fundamental para os seus aprendizes, pois a língua de um povo é resultado de vários processos, de mudanças ocorridas pelo tempo e influenciadas pelo espaço, pelos fatores sociais, políticos e culturais.

3 OS AVANÇOS DA LÍNGUA INGLESA COMO IDIOMA MUNDIAL

Ao observar o caminho que a língua inglesa foi traçando desde o século XIX até os dias de hoje, percebe-se uma grande influência de fatores políticos e culturais. Compreende-se que um domínio político também corresponde a um domínio cultural, mas é importante entender por quais motivos o inglês foi elevado ao status de língua global da contemporaneidade (Crystal, 2003, p.3, grifo do autor).

> [...] Há duas formas principais que isto pode ser feito. Primeiramente, para um idioma ser "feito" o idioma oficial de um país, para ser usado como um meio de comunicação em tal domínio como o governo, lei, a mídia, e sistema educacional. Entrar nessas sociedades é essencial dominar o idioma oficial o mais cedo possível na vida [...] segundo, o idioma pode ter caráter de prioridade no ensino de língua estrangeira de um país. (country's foreign – language teaching). Mesmo que este idioma não tenha status de oficial. Isso começa com o idioma que as crianças mais provavelmente serão ensinadas quando elas chegam na escola, e uma das disponíveis para adultos que – por alguma razão – nunca a aprenderam, ou aprenderam de forma ruim, em seus primeiros anos educacionais. Russo, por exemplo, teve o status privilegiado por muitos anos entre os países da antiga União Soviética.

O autor aponta a influência do inglês ao modo de como as pessoas no mundo dependem dessa língua como segundo idioma, para seu bem-estar econômico e social. Como já observado, o idioma criou raízes intensas nos comandos internacionais no mundo dos negócios, vida política, comunicação, segurança, educação, indústria do entretenimento e, sobretudo, no mundo da informática.

No início do século XIX, a Inglaterra se tornou líder industrial. No fim desse mesmo século, a população dos Estados Unidos era maior do que a de qualquer país da Europa e sua economia crescia vertiginosamente. No século XX, a supremacia econômica dos Estados Unidos fez com que o inglês se expandisse ainda mais. O inglês se tornou preeminente na política, na economia, na imprensa, na propaganda, na radiodifusão, no cinema, na música popular, nas viagens e na educação.

No decorrer dos anos, a língua inglesa passou a desempenhar elementos integrantes do mundo da tecnologia, como vários dispositivos tecnológicos são comercializados intensamente na América e os consumidores alvo são principalmente os usuários da língua inglesa**.** A maioria dos sites encontrados na

www (world wide web) está em inglês ou têm uma tradução em inglês e, ainda, os teclados de computadores compreendem as letras do alfabeto inglês. Além da tecnologia, o inglês é a linguagem da ciência. É importante ressaltar também que o desenvolvimento da língua inglesa também está diretamente ligado ao poder tecnológico. Como observado por Crystal (2005, p. 23, grifo do autor):

> O poder tecnológico está associado à Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, quando mais da metade dos cientistas e inventores que fizeram aquela revolução trabalhava usando o inglês, e as pessoas que viajavam para a Grã-Bretanha (e para os EUA mais tarde) a fim de aprender as novas tecnologias tinham inevitavelmente de fazê-lo em inglês. O século XIX viu o crescimento do poder econômico dos Estados Unidos, ultrapassando com rapidez a Grã-Bretanha, com o crescimento espantoso de sua população acrescentando muito ao número de falantes de inglês no mundo.

Portanto, a língua inglesa já era muito utilizada anteriormente, em especial na linguagem tecnológica, pelos cientistas e inventores. E como as pessoas tinham a necessidade de aprender as novas tecnologias, tinham inevitavelmente que utilizar esse idioma que por sua vez cresceu aceleradamente.

Quando certa língua é utilizada por várias pessoas de diversos lugares do mundo, ela sofre modificações inevitáveis. Isso ocorre também com a língua inglesa, que cresce rapidamente a cada dia como primeira língua, como segunda língua e como língua mundial. Crystal (2005, p. 34) ressalta que “[...] três em cada quatro falantes de inglês não são nativos hoje”. Nessa perspectiva, a cada dia o número de falantes da língua inglesa cresce, uma vez que ela já é bastante utilizada por diversos países.

Em contrapartida, compreende-se que o processo de globalização tem contribuído para o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, por mediante o uso de recursos midiáticos como a internet, proporcionando a diminuição da distância entre as diferentes culturas, o que não significa o esquecimento ou a submissão de uma cultura sobre a outra. Para Pires (2002, p. 29):

> Na sociedade de informação e globalizada, as pessoas, sem exceção, têm de adquirir conhecimentos para poder trabalhar e para poder escolher. É neste quadro global que o inglês assume um papel cada vez mais importante como instrumento de comunicação; por isso ser adaptado como segunda língua oficial em todas as nações do mundo constituiria um passo decisivo no sentido de facilitar o entendimento dos povos.

Então, pode-se afirmar que, na atualidade, a informação e o conhecimento do indivíduo interferem no mundo global, pois é através destes que ele se constituirá no mundo globalizado.

Portanto, o inglês assume um papel fundamental na interação e convívio entre as pessoas de diferentes países e regiões, facilitando na comunicação e estabelecendo trocas de informações entre culturas. Silva (2009, p.4) corrobora que:

> A interação entre os indivíduos é feita através da comunicação, a língua, portanto, é o meio universal pelo qual as pessoas interagem tornando-se globalizados, processo esse que ocorre no intuito de estabelecer uma relação e troca de informações entre os mais diversos povos. No entanto, barreiras como a própria língua e a tecnologia são relevantes neste contexto, uma vez que para a primeira a diferença da língua é claramente o primeiro obstáculo e para a segunda a relação entre a aquisição do meio nesse caso, o tecnológico, para aquisição da nova língua. Porém, tecnologias como o telefone, televisão e rádio mudaram em parte essa situação, promovendo então a globalização, pois tal processo se inicia com a comunicação.

Na atualidade é perceptível que o processo de globalização tem uma forte relação com o meio tecnológico como o telefone, a televisão e o rádio, em que esses meios contribuem com a comunicação. Em um mundo globalizado, onde todos estão em constante contato, seja através da internet, literatura, cinema, viagens, negócios ou até mesmo trabalho, faz-se necessário a facilidade de uma conversação, para isso, é utilizada a linguagem. No entanto, esse procedimento permitiu uma "padronização cultural", em que todos os indivíduos necessitam falar a mesma língua para se comunicar e assim pertencer a um grande grupo social. Kumaravadivelu (2006, p.135) ressalta que:

> [...] o processo de globalização resultou em maiores contatos entre as pessoas de culturas diferentes, levando a uma melhor consciência dos valores e visões de cada um e a uma decisão mais firme de preservar e proteger a própria herança linguística e cultural.

Sabe-se que a globalização é um termo que surgiu há muitos anos, e é vivenciada diariamente com significativas transformações. Tornou-se um processo de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política. Iniciando-se no final do século XX e início do XXI, por ter sido impulsionada pela comunicação dos países e pelo barateamento dos meios de transportes. No conceito tradicional da globalização, em que tipicamente empresas de mercados desenvolvidos se expandem pelo mundo, Pires (2002, p. 29) analisa que:

> É neste quadro global que o Inglês assume um papel cada vez mais importante como instrumento de comunicação; por isso ser adaptado como segunda língua oficial em todas as nações do mundo constituiria um passo decisivo no sentido de facilitar o entendimento dos povos.

Diante disso, surge uma realidade competitiva na qual é desafiadora. Essa competição cada vez mais surge de várias partes do mundo e vai se desenvolvendo em todos os mercados. Sirkin, Hermerling e Bhattacharya (2008, p.12) pondera que “[...] a globalização trata-se do nome de uma realidade global nova e diferente na qual todos nós competiremos com todos, por tudo e em toda parte”.

A nova era da globalização trouxe novos hábitos, que foram considerados padrões culturais de consumo, como: competitividade, intercâmbio, difusão da rede de informações, avanços tecnológicos, a criação de blocos econômicos como as zonas de livre comércio, mercado comum e união aduaneira. Para Kumaravadivelu (2006, p. 130), a globalização é:

> [...] uma série multidimensional de processos sociais que criam, multiplicam, alargam e intensificam interdependências e trocas sociais a nível mundial, ao passo que, ao mesmo tempo, desenvolve nas pessoas uma consciência crescente das conexões profundas entre o local e o distante.

Em relação à Língua Inglesa, pode-se considerar que ela facilita a união de países e culturas diferentes, além de ser muito eficiente no desenvolvimento da globalização. Tornou-se uma necessidade tanto em questões culturais, científicas e profissionais, sendo de fundamental importância para a economia, cultura e sociedade internacionais. Pode-se observar que ela é incorporada em outras línguas, e que existem palavras inseridas em nosso vocabulário usual. Kumaravadivelu (2006, p. 135) enfatiza que:

> Nos países restantes, aqueles que falam outras línguas como o Brasil, Portugal, México, Arábia Saudita, Egito, Indonésia, Alemanha, China e Federação Russa, o inglês se destaca como primeira língua estrangeira, língua internacional, língua da racionalidade, da modernidade e muitas vezes é visto como “chave para abrir portas para a mobilidade social dentro e através de fronteiras nacionais”

Vale enfatizar ainda que a língua inglesa atinge um papel importante na sociedade moderna, pois constitui uma perspectiva de caráter essencial no que se refere ao conhecimento da mesma, e tem ocupado cada vez mais espaço no mundo atual.

Vive-se atualmente um mundo globalizado, em que as distâncias se encurtaram com o uso da tecnologia, que facilitou a comunicação. Em todos os lugares, pessoas, comércio e serviços estão disponíveis as novas tecnologias da

comunicação, o que torna necessário não só o domínio da língua materna, mas também o domínio e uso da língua que prevalece nesses meios de comunicação.

Vian Junior (2012, p. 57, grifo do autor) ressalta que o inglês é visto como:

> Língua global. Língua internacional. Língua universal. *Língua franca*. Língua mundial. Embora cada uma dessas expressões tenha significados distintos, muitas delas têm sido usadas para se referir ao inglês, utilizado atualmente como língua para comunicação internacional.

Portanto, todas essas expressões utilizadas só são possíveis por causa do poder dos Estados Unidos e da Inglaterra no mundo, sendo eles: poder militar, tecnológico, econômico, político, cultural e entre outros.

O que promove a maior influência do inglês sobre as outras línguas é o desenvolvimento tecnológico que está relacionado aos fatos econômicos de um determinado país. O que caracteriza uma língua como língua global é o fato de que ela tem que ser usada entre as pessoas com diferentes línguas maternas e ser usada como meio de diálogo entre os mesmos. Vian Junior (2012, p.64) enfatiza quais são os fatores que levaram o inglês a se tornar uma língua global.

> [...] poder e aspectos relacionados à política, à economia, à imprensa, à propaganda, à radiodifusão, ao cinema, à música popular, a viagem internacionais, à segurança, à educação e a comunicações, o inglês tornou-se a língua global utilizada para a comunicação internacional.

Diante do exposto, confirma-se que a língua inglesa, por ter influência política, econômica, radiodifusão entre outras, torna-se uma língua mundial e global, pois é falada em todo o mundo, seja nas redes sociais, mercado de trabalho, enfim, é veiculada mundialmente.

Desde a Idade Média existia um conceito de uma comunicação oficial, ou seja, um idioma uniforme para que assim as pessoas viessem a comunicar-se em um único idioma e para os variados tipos de negócios daquele período. Crystal (2005, p.23, grifo do autor) explica como uma língua se torna mundial:

> Uma língua se torna mundial por uma razão apenas — o poder das pessoas que a falam. Mas poder representa coisas diferentes: pode significar poder político (militar), tecnológico, econômico e cultural. [...] O poder político emergiu sob forma do colonialismo, que levou o inglês pelo mundo desde o século XVI, de modo que no século XIX a língua era uma “sobre a qual o sol nunca se põe”.

Por conseguinte, uma língua para tornar-se mundial, como o autor afirma, necessita ser difundida socialmente, seus valores culturais, políticos e econômicos.

Esses valores contribuem tanto para a expansão da língua quanto para o reconhecimento do país.

Conclui-se ainda que, quando se trata de uma língua mundial, o inglês ainda é o mais influente. Existe uma grande demanda dos indivíduos, de todas as regiões do mundo, em aprender o inglês, considerando também o seu uso constante nas tecnologias. Assim, é um idioma que está em constante desenvolvimento e, a partir disso, emerge a necessidade de se aprender esse idioma tão difundido no mundo, além de conhecer também os aspectos políticos e culturais dos países que o têm como língua oficial.

3.1 Porque o inglês se tornou língua franca?

A língua inglesa surge como alternativa natural, dada sua utilização como língua franca para o comércio exterior, fato que explica a crescente demanda por cursos de Inglês nas várias camadas da sociedade e para um público extremamente diversificado.

Para Salles e Gimenez (2010, p. 27), a língua inglesa “[...] vem perdendo seu caráter de língua estrangeira para se tornar língua franca”. É uma língua conhecida em qualquer lugar do mundo. Para quem viaja com frequência e para diferentes lugares do mundo, é preciso dominar o inglês, pois é a língua internacional mais importante.

Na visão de Selbach (2010, p. 44), “O mundo de ontem, [...] era um mundinho regional e só uma língua chegava; o mundo de hoje já não possui fronteiras e outra língua é ingresso garantido no futuro. [...]”. Anteriormente a língua inglesa não era vista como língua significante, não era valorizada como nos dias atuais.

O Inglês é considerado idioma universal, padrão para transações e intercâmbios entre governos. Essa grande influência foi possível por causa do grande território americano, da enorme quantidade de colônias inglesas e da competência que a Inglaterra teve de impor sua língua tornando-a muito respeitável. É relevante também considerar os fatores socioeconômicos do pós-guerra que participaram de forma positiva, permitindo que a ideologia e a forma de vida

americana se espalhassem por todo mundo. Sua influência atual é muito expressiva, mas nem sempre foi assim, houve tempos em que o inglês era restrito apenas à Grã-Bretanha.

Devido ao crescimento político e econômico, a língua inglesa ganhou no século XX, crescente importância. É a segunda língua mais falada, ficando apenas atrás de uma combinação dos idiomas chineses. Mesmo não sendo a língua mais falada em proporções numéricas, é a língua adotada nas transações comerciais. Por esses motivos, tem sido crescente no país, a consciência da obtenção de reais conhecimentos de Inglês, pelas mais variadas razões: simples prazer, por inserção social e principalmente para ascensão no mercado de trabalho. Gois (2014, p.22), defende que:

> Para ser bem recebido no mercado, o profissional deve ter algo a oferecer. Isso é o que vai destacá-lo entre os demais. Essas competências são valorizadas no currículo profissional, especialmente as relacionadas ao trabalho intelectual, como o conhecimento científico, tecnológico e o conhecimento de línguas estrangeiras, que podem resultar não só na sobrevivência no mercado, mas também em salários melhores.

Em uma sociedade capitalista, possuir inglês é sinônimo de ascensão, é um instrumento norteador em meio a uma modernidade prescrita repleta de inúmeras exigências e qualificações. Colaborando com a idéia apresentada, é destacado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que:

> Cabe ressaltar ainda o papel do inglês na sociedade atual. Essa língua, que se tornou uma espécie de língua franca, invade todos os meios de comunicação, o comércio, a ciência, a tecnologia no mundo todo. É, em geral, percebida no Brasil como a língua de um único país, os Estados Unidos, devido ao seu papel atual na economia internacional. Todavia, o inglês é usado tão amplamente como língua estrangeira e língua oficial em tantas partes do mundo, que não faz sentido atualmente compreendê-lo como a língua de um único país. As pessoas podem fazer uso dessa língua estrangeira para seu benefício, apropriando-se dela de modo crítico. (BRASIL, 1998, p. 49)

Com o relato acima, pode-se acrescentar que o papel do inglês é imprescindível no que se refere ao respeito à sociedade atual. É uma língua que invade todos os meios de comunicação, comércio, tecnologias em várias regiões do mundo. Hoje seu uso é constante na sociedade, por isso é difundido em várias regiões do mundo, e utilizá-lo como língua de comunicação entre países não representa que seja a língua de um único país, mas sim que é oficial em várias partes do mundo.

4 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

O processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira é complexo e envolve uma capacidade de organizar, racionar e pensar a partir de uma nova cultura, de uma nova perspectiva. Dessa forma, é importante destacar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que auxiliam os profissionais da educação a planejar uma aula visando ao desenvolvimento de seus alunos.

No que se refere ao ensino da língua inglesa, os PCNs se propõem a auxiliar os professores a usar meios e procedimentos que facilitem a aprendizagem dos alunos em falar e escrever essa língua estrangeira.

Nessa perspectiva, o professor deve estar conectado com as orientações apresentadas nos PCNs, pois, assim, poderá contribuir para uma aprendizagem significativa. Sobre o ensino de língua estrangeira nos PCNs confirma-se que:

> A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na construção do aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção como sujeito do discurso via Língua Estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados por intermédio da utilização de uma língua estrangeira. (BRASIL, 1998, p. 19)

Com esse prisma, os PCNs colaboram para o entendimento em relação ao ensino de língua inglesa, uma vez que atividades pedagógicas são relevantes para o processo de formação do aluno, tanto no interior da sala de aula, como fora dela, podendo agir como indivíduo capacitado para falar, ler e escrever uma segunda língua.

A interação entre os indivíduos é feita através da comunicação e, para tanto, é necessário um signo linguístico em comum: a língua. Portanto, é um dos meios pelo qual as pessoas interagem tornando-se globalizados, processo esse que ocorre no intuito de estabelecer uma relação e troca de informações entre os mais diversos povos. Colaborando com essa ideia, Selbach (2010, p.46) afirma:

> Através da linguagem, homens e mulheres, adultos e crianças se comunicam, têm acesso a informações, expressam e defendem opiniões, elaboram argumentos, partilham ou constroem visões e interpretações do mundo, produzem cultura.

A linguagem é um instrumento do qual é utilizado para a comunicação, e que sem a linguagem provavelmente a sociedade não existiria como a conhecemos. Ela faz parte da cultura de uma determinada sociedade, e é uma necessidade vital do homem moderno. Dessa forma, ao agir na sociedade em que vive, o ser humano passa a adquirir uma determinada cultura, se aperfeiçoando em seu processo de integração e de desenvolvimento.

A importância do aprendizado da língua inglesa está na busca de um acesso ao mundo acadêmico, dos negócios e da tecnologia. Pois ela está disseminada no cotidiano das pessoas, e passa a ser vista como uma forma de inserção nesse meio e uma ponte para que as pessoas possam lidar com essa rápida evolução.

A necessidade de se aprender uma língua estrangeira iniciou a partir da necessidade de se comunicar com um mundo sem fronteiras, pois o rápido processo de globalização tem exigido qualificação por parte das pessoas. Então, elas buscam sua preparação para acompanhar a evolução desse mundo.

Viney (2003, p.2, Tradução nossa) destaca o processo de disseminação da Língua Inglesa da seguinte forma:

> O Inglês é também usado por diferentes formas de comunicação. Políticas e negócios frequentemente se faz uso do Inglês. [...] muitos estudos médicos e científicos são escritos em Inglês. Inglês é o idioma de muitas músicas pop e filmes. Na internet e indústrias de computadores [...]

Diante disso, percebe-se que o inglês funciona como um crescente meio de comunicação em comum entre as pessoas que falam línguas diferentes, e devido à grande necessidade de falar e interagir uns com os outros. Com isso, houve uma crescente demanda por locais onde se pode aprender o inglês. Segundo Lima, (2009, p. 23):

> [...] A função do ensino e aprendizagem de língua estrangeira está relacionada ao momento cultural vivido pelos estudantes. Entre os séculos IX e XIX, época em que viajar era uma atividade extremamente difícil pela falta de meios de transportes rápidos e confortáveis, o contato entre as culturas comumente se dava por meio dos textos literários [...].

Como salienta o autor, o ensino e aprendizagem de L. E. é um momento em que os alunos conhecem e interagem conhecendo uma nova cultura, uma nova língua. Por conseguinte, entre os séculos IX e XIX era uma época difícil em relação a viagens, pois não tinham meios de transportes rápidos como atualmente e o contato entre culturas tornava-se difícil. Atualmente, com o avanço das novas

tecnologias, o que era difícil tornou-se uma grande facilidade, crianças, jovens e adultos viajam o mundo todo conhecendo novas pessoas, novos lugares, novas culturas.

Ao se falar em ensino e aprendizagem de língua inglesa é preciso que todos os profissionais da educação estejam envolvidos e que deem atenção especial para esse processo. Ou seja, é necessário que a escola perceba o aluno dentro de um contexto e proporcione condições para o desenvolvimento de suas habilidades. O professor deve usar em sala de aula metodologias diversificadas para estimular a aprendizagem do aluno. Como pontua Selbach (2010, p. 44, grifo do autor):

> A língua inglesa possui imensa penetração internacional [...] Esse fato desperta motivação educacional implícita a todo aluno que vive em uma cidade, participa de eventos sociais, culturais e esportivos ou consulta e navega pela internet. A língua inglesa acabou por se tornar uma espécie de "segunda língua" por grande parte de seus termos terem invadido todos os meios de comunicação, o comércio, a ciência e a tecnologia de todos os países do mundo.

Portanto, o inglês deixou de ser visto como status e passou a ser visto como uma necessidade para o perfil de um profissional ou futuro profissional; no entanto, essa base profissional deve iniciar ainda nos primeiros anos escolares, em que língua inglesa começa a ser estudada.

A aprendizagem da língua inglesa contribui para alicerçar o desenvolvimento e o desempenho do aluno nas mais diversas áreas do conhecimento. É capaz de expandir sua capacidade perceptiva no que se refere a sua condição humana como de cidadão. Diante disso, percebe-se que é imprescindível que o indivíduo se dedique para aprender novas línguas. De acordo com a Secretaria de Educação Fundamental (apud LIMA, 2009, p. 27):

> A aprendizagem de língua estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social.

Portanto, aprender a falar inglês ajuda a se manter consciente do mundo ao seu redor, tendo acesso a mais informações do que normalmente teria. Depois de refletir sobre a aprendizagem de língua inglesa, percebe-se que ela pode abrir as portas para um futuro melhor, e pode ajudar no crescimento de cada indivíduo em vários âmbitos.

No entanto, para que uma pessoa aprenda outro idioma, é preciso que ela não se atenha somente a uma sala de aula com livros didáticos e um professor, mas que busque outros meios de vivenciar com o uso da língua, a partir de filmes, música e livros que desperte seu interesse. Dessa forma, quem estuda vai passar a sentir prazer e a gostar do que estuda.

Um professor em sala de aula é um mediador de conhecimento, passando para seus alunos uma segurança para que eles se sintam ousados, indo em busca de novos meios de comunicação, que sejam autônomos de seus próprios conhecimentos. Então, o professor deve sempre estar atento, ajudando seus alunos a acreditar que aprender uma segunda língua irá ajudar a garantir um futuro melhor. Dessa forma, o professor estará contribuindo para o desenvolvimento educacional do aluno. Nesse sentido, Selbach (2010, p. 29, grifo do autor) salienta:

> A sala de aula necessita ser um espaço de ousadia, e o aluno deve ser estimulado a “achar”, “supor”, “imaginar” e, dessa maneira, expor hipóteses que pela aprendizagem se confirmam ou não.

A sala de aula é um ambiente em que o professor utiliza seu espaço para inovar suas práticas pedagógicas, fazendo com que suas atividades centrem no engajamento do aluno como ser participativo e interativo, buscando aperfeiçoar-se na linguagem explorada. É importante destacar que, para uma boa aula de língua inglesa, tem que haver metodologias diferentes, como ouvir músicas, cantar, ver vídeos, ler textos de seus interesses etc.

O ensino de língua estrangeira, em especial da língua inglesa, tem sofrido um grande impacto da globalização, uma vez que a aquisição do inglês tornou-se a principal ferramenta para o ingresso ao mundo globalizado. Porém, conflitos têm urgido acerca desse processo, já que a homogeneização age diretamente na aprendizagem e ensino de uma língua. Lima (2009, p. 163) reforça colocando que:

> O caráter educativo do ensino de uma L E. está nas possibilidades que o aluno pode ter e se torna mais consciente da diversidade que constitui o mundo. As múltiplas possibilidades de ser diferente, seja pela cultura, seja pelas identidades individuais, podem fazer com que o individuo se torne mais consciente de si próprio, em relação ao seu contexto local e ao contexto global.

Nesse contexto, pode-se considerar que o inglês é uma das principais ferramentas no acesso ao mundo globalizado e sua aprendizagem possibilita ao indivíduo viver e diferenciar as diversidades culturais que formam o mundo moderno.

Com isso, deve-se enfatizar também que a L.I é fundamental na formação e desenvolvimento intelectual do aluno. Selbach (2010, p. 44) corrobora que:

> Qualquer língua estrangeira que se ensine ao aluno no Ensino Fundamental é extremamente útil para sua formação. O aprendizado de uma ou mais língua sempre concorre para o desenvolvimento individual, tanto em termos culturais quanto profissionais.

Para tanto, durante uma aula de língua inglesa, o educador deve pensar em uma estratégia para conduzi-la da melhor forma possível. Um dos maiores desafios para o docente é auxiliar a tornar a informação significativa para o aluno; é propor informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades; é ajudar os alunos a compreendê-las de forma cada vez mais profunda e necessária.

Nesse aspecto, cabe ao professor ser o responsável por intervir no processo de aprendizagem do aluno, criando situações-problema e apresentando novas informações para os alunos, informações que levem o aluno a avançar na verdadeira compreensão da realidade.

O aluno é visto pela sociedade como um ser capaz de usar ativamente o conteúdo transmitido pelo professor, pois no momento em que o educando adquire o conhecimento que foi transmitido, ele pode construir seu próprio conhecimento e usá-lo para resolver os problemas. Nessa ótica, Selbach (2010, p. 30, grifo do autor) exemplifica que:

> Um aluno, por exemplo, pode se acostumar a olhar todos os dias uma noticia, mas compreende a noticia que houve quando, ajudado por um professor ou um colega, descobre uma nova maneira de perceber coisas que antes não percebia, percebe sua capacidade de “ação” sobre esse saber. Nesse caso o aluno não conquistou uma nova informação linguística e decorou a tradução de algumas palavras, mas percebeu outra maneira de olhar o que sempre olhava e, assim, essa nova maneira o transformou.

Refletindo sobre esse paradoxo e buscando um meio para saná-lo, vê-se que o professor é um ser intermediador que ajuda o aluno a descobrir novas maneiras de agir e pensar, percebendo sua capacidade de ação, de conhecimento. Essa atitude do educador possibilita que o aluno se transforme em um ser participativo, capaz de interagir em qualquer meio social.

É importante salientar que se aprende mais facilmente quando se conhece o objetivo do ensino, a utilidade de algo, quando são apresentados os benefícios perceptíveis, como, por exemplo, o inglês para fins comunicativos em uma viagem para fora do país, ou o inglês instrumental no intuito de aprender inglês

para leitura e interpretação. Todos esses aspectos são necessários, pois aumentam a motivação e, consequentemente, facilitam a busca pela aprendizagem.

Durante o ensino fundamental, o aluno está numa fase de descobertas e tende a ser mais curioso. Lima (2009, p.143) faz uma abordagem voltada para a forma de como deve ser o ensino em sala de aula, explicando como o professor pode fazer diferente, trabalhando com as habilidades de ouvir e falar:

> Fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir para os alunos que façam coisas do outro mundo. Fazer diferente é trabalhar, também, com as habilidades de ouvir e falar. É ter a consciência de que se o aluno precisa aprender a língua inglesa e o mundo globalizado requer certa fluência na língua, isso significa ser capaz de ler escrever, ouvir e falar. É também, ter a coragem de tentar pôr em prática os objetivos que estão dispostos nos próprios PCNs do ensino fundamental da 5º a 8º série.

Assim sendo, ao professor não cabe dar receita pronta, mas ser o mediador desse processo. Tarefa difícil, tarefa complexa, que exige muito de um profissional. Além de exigir competência no conhecimento dos conteúdos e desenvolvimento das atividades, também exige habilidade em enfrentar situações adversas, contextos diferenciados e alunos heterogêneos, ou seja, vários desafios são apresentados para o professor que trabalha com o ensino da língua inglesa.

Almeida Filho (2010, p.47) comenta que “[...] todos os momentos do ensino de Língua Inglesa, desde o planejamento do curso, da escolha dos materiais, das experiências vivenciadas em classe até a avaliação fazem parte da abordagem de ensinar”. Portanto, busca-se durante o processo de ensino, proporcionar oportunidades para a expressão do aluno, a manifestação de suas habilidades. O professor, nesse sentido, deve ser capacitado para formar cidadãos que interfiram criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para que se agreguem ao mercado de trabalho.

Almeida Filho (2009, p, 12) enfatiza de que forma a aprendizagem de língua inglesa contribui com a experiência pessoal e educacional.

> A aprendizagem formal, escolar, dessa língua que apenas começa estrangeira para se constituir gradualmente na experiência pessoal rica e educacional compensadora a que aludimos acima precisa ainda se dar em duas modalidades. Uma que busca o aprender consciente, monitorado, de regras e formalizações, típicas da escola enquanto instituição controladora do saber, e outra que almeja a aquisição subconsciente quando o aprendiz se envolve em situações reais de construir significados na interação com outros falantes /usuários dessa língua.

A partir desta afirmação, é possível compreender que aprendizagem formal é aquela em que o educando aprende com outro falante, já a aprendizagem escolar é aquela em que o educando vive acompanhado de regras.

Vivenciar métodos participativos de compartilhamento de ensinar e aprender (poder distribuído) por meio da comunicação mais aberta, confiante, de motivação constante, de integração de todas as possibilidades da aula-pesquisa/aula-comunicação, em um processo ativo e vasto de informação inovadora, reelaborada individualmente e coletivamente, de integração do objeto de estudo em todas as dimensões pessoais: cognitivas, emotivas, sociais, éticas e utilizando todas as habilidades disponíveis do professor e do aluno. Apesar das dificuldades mencionadas, espera-se que os educadores se sensibilizem para a necessidade de ajudar os seus alunos a desenvolverem a criatividade, ajudando-os, assim, a se tornarem seres humanos melhores e críticos interagindo na sociedade em que vivem.

Conforme Antunes, (2011, p.18): “A aprendizagem se organiza de uma maneira mais completa no cérebro de um a pessoa quando solicita sua ação sobre o conhecimento e esta se manifesta mais organizada quando atravessa diferentes habilidades operatórias”. Cada indivíduo tem potencialidades para aprender coisas novas, mas deve-se ter as condições necessárias para que possam ser utilizadas. Por isso, a relação professor- aluno é primordial a qualquer tipo de educação.

A aprendizagem de uma língua estrangeira em especial da língua inglesa ajuda o aluno a aumentar sua autopercepção, ampliando novos conhecimentos em relação à comunicação, ajudando-o a inserir-se como um verdadeiro participante do mundo moderno. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs reforça-se que a aprendizagem de Língua Estrangeira:

> [...] centra-se no engajamento discursivo do aluno, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso, de modo a poder agir no mundo social. Para que isso seja possível é fundamental que o ensino de Língua Estrangeira seja balizado pela função social desse conhecimento [...]. (BRASIL, 1998, p. 19)

Nota-se que a aprendizagem de uma nova língua deve garantir ao educando seu desenvolvimento na capacidade de interagir, mesmo que não seja em sua vida presente, mas futuramente esse conhecimento deverá interferir positivamente, no que se refere à educação. Selbach (2010, p. 52) ressalta que:

> O interesse dos alunos por sua aprendizagem em língua inglesa representa uma porta que se abre para novos pensamentos. Mas a grandeza e a

> significação dessa porta necessitam ser mostradas, precisam ser destacadas. Não se trata de “propaganda” do trabalho que pode ser feito e, menos ainda, de esquema sutil para abrir o interesse dos alunos, mas de torna publica a paixão que se tem pelo trabalho que se faz e para os alunos.

Diante do exposto, conclui-se que o interesse do aluno na aprendizagem de qualquer língua é de fundamental importância, inclusive o aprendizado de L. I. Pois pode abrir novos caminhos para o futuro. Portanto, o papel do professor é o de facilitar esse aprendizado.

4.1 Por que aprender inglês?

Muitos alunos não sentem afinidade pela disciplina de Língua Inglesa. Na maioria das vezes, o professor é considerado “chato” porque está ensinando algumas palavras complicadas que para alguns alunos é considerada desnecessária, e essa informação é automaticamente excluída pelo cérebro.

Selbach (2010) explica que no processo de ensino e aprendizagem, se o aluno percebe o assunto como desnecessário, o cérebro rapidamente rejeita a informação e, dessa forma, ela fica na memória apenas por alguns instantes. Isso acontece porque o cérebro humano não registra uma informação que não seja considerada importante. Dessa maneira, o aluno que considera desnecessário aprender um segundo idioma, o seu cérebro não absorve as informações pertinentes ao assunto, e isso afetará o seu processo de aprendizagem no inglês.

Aprender uma nova língua pode facilitar e a ajudar o indivíduo na capacidade de compreensão oral, ajudando-o a organizar os pensamentos e as habilidades de uma segunda língua. Assim, essa aprendizagem possibilita ao indivíduo comparar, analisar, explicar, aplicar e, mesmo que não consiga discernir totalmente tudo que foi citado, ganhará um pouco de aprendizagem, aprimorando a capacidade de se comunicar em uma nova língua. Mesmo que o indivíduo não se expresse com total clareza em inglês, o pouco que foi aprendido servirá para dominar palavras estrangeiras.

> A aprendizagem de Língua Estrangeira aguça a percepção e, ao abrir a porta para o mundo, não só propicia acesso à informação, mas também torna os indivíduos e, consequentemente, os países, mais bem conhecidos pelo mundo. (BRASIL, 1998, p. 39)

O domínio de um segundo idioma significa crescimento, desenvolvimento e melhores condições para acompanhar de maneira rápida as mudanças que ocorrem no mundo das tecnologias. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Língua Inglesa,

> A aprendizagem de Língua Estrangeira oferece acesso a como são construídos os temas propostos como transversais em práticas discursivas de outras sociedades. É uma experiência de grande valor educacional, posto que fornecesse os meios para os aprendizes se distanciarem desses temas ao examiná-los por meio de discursos construídos em outros contextos sociais de modo a poderem pensar sobre eles, criticamente, no meio social em que vivem. (BRASIL, 1998, p. 44)

Enfatiza-se que o estudo da língua inglesa aumenta a possibilidade e a compressão do interesse por outras culturas que envolvem o aprendizado dos alunos pelo inglês, para que assim possam ser seres com autoconhecimento sobre o inglês, e que possam se comunicar com pessoas de todos os lugares do planeta. Como afirma Selbach (2010, p. 329), o ensino de língua inglesa:

> [...] deve estar vinculado a uma serie de fatores sociais e culturais. É a área por excelência que permitirá ao aluno o contato com outras culturas, uma abertura importante para acessar o conhecimento universal acumulado pela humanidade. Isso é claro, se os educadores tiverem a consciência da seriedade de seu trabalho. Ou seja, fazer o aluno perceber que as línguas estrangeiras não são um obstáculo às trocas culturais, caso contrario o indivíduo estaria isolado em profunda solidão linguística- o domínio exclusivo de seu idioma materno dos seres humanos, enquanto seres coletivos estariam condenados a se desentenderem-se. E o que vemos hoje é o mundo globalizado, que nos permite o acesso á informação como nenhuma outra época.

Nessa perspectiva, compreende-se que é necessário as pessoas percebam a língua inglesa como imprescindível, pois a globalização a torna fundamental nos dias atuais. O inglês é a língua internacional, a língua dos estudos, das viagens, dos negócios, enfim, é a língua da comunicação em todo o mundo. Para uma melhor compreensão, no tópico seguinte dar-se continuidade ao estudo, discutindo sobre a influência da língua inglesa no mundo moderno.

5 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL: um breve percurso histórico

O ensino de língua inglesa, bem como o de língua francesa, foi estrategicamente implantado no Brasil, em 1808, com a abertura dos portos brasileiros por D. João VI visando, principalmente, às relações comerciais que Portugal tinha com França e Inglaterra. No ano seguinte, com a implantação do inglês como disciplina no Brasil sob o propósito de "[...] aumento da prosperidade da instrução pública" (MOACYR, 1936, p. 61).

Datando de 02 de dezembro de 1837, o regente interino Bernardo Pereira de Vasconcelos promoveu a fundação do Colégio Pedro II onde esta foi a primeira escola secundária do Brasil. E também onde o Inglês passou a integrar oficialmente o currículo das escolas de todo o país. Esse colégio teve também, juntamente com o inglês, a implantação da língua francesa e latina. O inglês inicialmente não tinha nem de perto o prestígio que o latim e o francês; este último era na época, requisito para ingresso no ensino superior.

Oliveira (apud CHAVES, 2004, p. 5) corrobora que:

> E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa.

Para Oliveira (apud LIMA, 2009, p 24):

> Com o desenvolvimento tecnológico, mais notadamente o advento do avião a jato, surgiu uma nova razão para aprenderem línguas estrangeiras. O turismo se consolidou no mundo ocidental e o contato direto entre pessoas de países diferentes, que falam línguas distintas, intensificou-se. Consequentemente, criou-se a necessidade de se aprenderem línguas estrangeiras para a comunicação.

Entretanto, apenas com a chegada do cinema falado na década de 20 no Brasil, o idioma alcançou um dos ápices de seu prestígio, assim como seu auge alcançou no período da 2ª Guerra Mundial. Porém, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961 retirou a obrigatoriedade desta oferta no ensino médio, mas foi reestabelecida em partes com a resolução 58 de 1° de dezembro de 1976.

Apenas com uma resolução mais recente (Lei 9.394/96) foi possível a implementação do ensino de língua inglesa a partir da 5° série do Ensino Fundamental e todo o ensino médio; o que acabou por resgatar a relevância da disciplina em todo o panorama de ensino brasileiro.

De lá para cá, alguns entraves tem tomado conta nos referentes ao ensino e aprendizagem de língua inglesa, sendo um dos pontos mais relevantes, o método a ser utilizado em sala de aula durante o momento expositivo da disciplina.

Sobre método, Caldas (2011, p. 585) define como “[...] Conjunto de procedimentos para atingir um objetivo [...]; maneira ordenada e sistemática de agir”. E Ferreira (apud BOHN, 2009, p.) reitera que é “[...] caminho para chegar a um fim. [...] Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros, evitáveis, em vista de um resultado determinado.”

Sobre as metodologias adotadas antigamente, Leffa (2014) abordou que “[...] a metodologia para o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma para as línguas mortas: tradução de texto e análise da gramática.” Com o passar do tempo, novas abordagens de ensino e aprendizagem de língua inglesa foram tomando espaço. Antes de tudo, vale ressaltar que há uma discrepância tênue entre abordagem e método. Para Leffa (2014) a abordagem refere-se a um termo mais abrangente em que se englobam os pressupostos teóricos e a mesma varia conforme esses pressupostos. Já o método propriamente dito, tem uma abrangência mais restrita e pode estar contida dentro de uma abordagem.

6 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A aprendizagem de uma segunda língua dá condições para o indivíduo se destacar no mundo social onde vive, além de conhecer uma nova cultura em que perceberá novos horizontes em sua vida pessoal e profissional. Assim, aprender o inglês, por se constituir um idioma mundialmente falado, representa um avanço e ampliação das oportunidades sociais do cidadão. Por isso, crianças, jovens e adultos procuram o seu aperfeiçoamento nessa língua. É notável que aprender um segundo idioma torna-se essencial na comunicação entre as pessoas.

A necessidade em aprender um novo idioma, uma nova língua dá-se pela evolução da sociedade e o processo de globalização. Nesse sentido, a escola deve oportunizar aos alunos o acompanhamento desse rápido desenvolvimento. Diante dessa preocupação, é necessário que se tenha uma aprendizagem formada sobre a importância do inglês nos anos finais do ensino fundamental. Assim, conforme evidenciado nos Parâmetros Curriculares Nacionais,

> A aprendizagem de Língua Estrangeira no ensino fundamental não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas linguísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo. (BRASIL, 1998, p. 38)

Esse pensamento destacado nos PCNs deve ser analisado por professores, alunos, pais de alunos e pela sociedade em geral. A aprendizagem do inglês oferece, não apenas aos alunos dos anos finais do ensino fundamental como a todos os falantes não nativos, a sentir, viver e expressar-se no mundo por meio de um idioma bastante comum entre as nações.

Na atualidade, há a relevância e emergência de profissionais competentes no ensino da língua inglesa nas escolas. Pois são eles os orientadores dos alunos a se tornarem bilíngues. Contribuindo, dessa forma, para o crescimento e sucesso do educando dentro da sociedade global.

O professor licenciado em inglês tem conquistado o mercado de trabalho, apresentando consigo mudanças e transformações que o mundo vivencia nos aspectos linguísticos. Dessa forma, para que ocorra aprendizagem significativa dos educandos, é necessário que a escola e, consequentemente, o professor ofereça ao aluno condições para uma aula agradável. Por ser assim, é relevante que o docente

planeje suas aulas, cada uma com objetivos claros e definidos. Assim, o processo de ensino e aprendizagem poderá alcançar êxito.

De modo geral, para a realização de um trabalho com qualidade em sala de aula, é necessário que o professor contextualize os assuntos com o mundo onde vive, permitindo que os educandos se sintam atraídos pelo conteúdo e que assim possam se desenvolver como seres humanos críticos. Selbach (2010. p, 31), em uma de suas afirmações, relata que:

> A aprendizagem que conquistamos e que nos transforma jamais vem de fora para dentro, e é por essa razão que o professor não deve apenas informar regras ortográficas ou ditar sentenças, e sim ajudar o aluno a aprender. Aprender de maneira significativa, portanto, necessita a intenção da parte de quem ensina e, para levar um aluno do Ensino Fundamental, significa possibilitar a esse aluno se transformar em um ser amplamente pensante e discursivo, ainda que esse discurso possa ser restrito.

O professor é o mediador no processo de ensino e aprendizagem. A sua função é possibilitar aos alunos a assimilação de conhecimentos. Para tanto, esse processo deve acontecer em um ambiente harmonioso, com professor preparado e aluno motivado, ou seja, ambos devem estar em uma relação propícia para a socialização de ideias. Em consequência, os educandos passarão por uma ampla transformação, aprenderão a ser críticos, discursivos e se apropriarão do conhecimento sistematizado.

Em sala de aula, é essencial que o educador instigue a turma a pensar, perguntar. Isso possibilita ao aluno que ele entenda que a aprendizagem do inglês funciona no processo de dúvidas. Um dos comentários Meneses (apud VICHESSI, 2013, p, 41) aborda a seguinte ideia:

> Quando isso ocorre, o direito de aprender é transformado em algo burocrático e o professor da disciplina desempenha o papel de simples transmissor de informações. [...], a escola tem de fazer mais: incentivar e permitir que os estudantes duvidem, perguntem e levantem hipóteses, ainda que provisórias e distintas da realidade. Assim eles vão se apropriar do conhecimento científico[...].

O professor deve despertar no educando uma nova forma de pensar, falar e agir, desenvolvendo assim a aprendizagem do educando. O aluno tem capacidade de entender rapidamente o que é transmitido pelo professor, demonstrando interesse sobre as coisas, sendo seres curiosos buscando entender o novo, aquilo que chama a sua atenção. Em relação ao interesse dos alunos, eles são capazes de questionar e levantar hipóteses, por isso necessitam de oportunidades:

> [...] são capazes de levantar hipóteses e demonstrar interesse sobre as coisas: como funcionam, de onde elas vêm. Se o professor se antecipa e fala “Isso não é assim”, mata não só a curiosidade como também o direito do estudante ser curioso. [...]. Os alunos precisam aprender a pensar cientificamente e para isso tem de experimentar o mundo. (MENEZES apud VICHESSI, 2013, p. 41, grifo do autor)

O aluno é um ser que tem a curiosidade, o pensamento crítico em saber como as coisas funcionam, de onde elas vêm. Eles aprendem a elaborar suas próprias ideias, experimentando o mundo, ou seja, a partir do contato, do conhecimento com as coisas novas que surgem na sociedade. Assim, aprendem novas culturas, conhecem pessoas, línguas e costumes e realizam a aprendizagem por meio da convivência.

O processo de ensino e aprendizagem da LI nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) deve ter como objetivo ocorrer de forma espontânea, pois os alunos já têm uma noção do que o inglês e, tendo a noção básica do que é o inglês e sua relevância, o educando vai poder desfrutar e aprender melhor o segundo idioma. O professor, por sua vez, deve buscar compreender e relacionar as práticas educativas dentro e fora do contexto escolar. É dessa forma que ele vai perceber se o aluno está realmente atento às expectativas de aprender o inglês ou não.

Nessa perspectiva, cabe ao professor estimular o aprendizado de seus alunos, para que assim eles se sintam atraídos em aprender o inglês a partir de uma visão da sua importância nos dias de hoje. Selbach (2010, p. 49, grifo do autor), salienta que:

> Como se percebe, não são poucos os objetivos que um professor de Língua Inglesa deve visar no Ensino Fundamental e é pouco provável que se consiga que todos os alunos, ao concluírem seu curso, possam alcançá-los plenamente. Mas é importante realçar que “objetivos” são metas que se buscam, caminhos a percorrer, e atingir todos é desejável, ainda que nem sempre possível. Vale a dedicação e esforço para seu alcance, jamais esquecendo que tem mais valor uma boa caminhada que a certeza de um fim.

Portanto, os objetivos estabelecidos pelo professor são metas, caminhos a percorrer, até alcançar o desejado, mesmo que nem sempre seja possível, fazendo com que os alunos aprendam o inglês, para que as transformações em relação à aprendizagem aconteçam e as ideias possam transformar-se em conhecimentos.

No ensino fundamental (6º ao 9° ano), muitos professores se questionam: Por que os estudantes são desinteressados em relação à aprendizagem de L.I? Muitas vezes, a resposta está voltada para a motivação, ou seja, se o aluno é motivado a aprender a disciplina em questão, ele irá desenvolver melhor suas habilidades, como por exemplo: ele irá fazer as coisas com prazer e empenho, isso acabará resultando em trabalhos com resultados positivos.

Lima (2009, p. 157) expõe que: “O ensino baseado em tarefas aliado ao foco na forma é uma proposta extremamente interessante, se bem implementada na sala de aula”. Portanto, o ensino quando bem direcionado, envolvendo tarefas de interesses dos alunos, pode se constituir numa peça central para o processo de aprendizagem dos alunos. No momento em que o aluno está engajado em novas atividades, o pensar e o fazer começam a se desenvolver, então, o aluno começa a enfrentar os desafios que se apresenta durante a aprendizagem.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ainda é enfatizado que:

> O papel educacional da Língua Estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. Assim, contribui-se para a construção, e para o cultivo pelo aluno, de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas. (BRASIL, 1998, p. 38)

Na aprendizagem de língua inglesa o aluno tem a possibilidade de inserir-se no mundo social em que vive. Além disso, essa aprendizagem pode proporcionar ao aluno uma nova experiência de vida, que irá também conhecer uma nova cultura, contribuindo com seu amadurecimento enquanto aluno e ser integrante da sociedade. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), também apresenta a explicação sobre o papel da Língua Estrangeira no ensino fundamental:

> A Língua Estrangeira no ensino fundamental tem um valioso papel construtivo como parte integrante da educação formal. Envolve um complexo processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, com valor intrínseco importante no processo de capacitação que leva à libertação. Em outras palavras, Língua Estrangeira no ensino fundamental é parte da construção da cidadania.(BRASIL, 1998, p. 41)

Dessa forma, é possível afirmar que o ensino de uma segunda língua no ensino fundamental é essencial para a construção e formação cidadã dos alunos, pois é um processo que envolve a discussão de fatores sociais. Então, os docentes devem possibilitar que eles se interessem por outros idiomas, pois ao aprender uma

segunda língua, terão a chance de conhecer outra cultura, outros valores. Conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

> [...] é fundamental que desde o início da aprendizagem de Língua Estrangeira o professor desenvolva, com os alunos, um trabalho que lhes possibilite confiar na própria capacidade de aprender, em torno de temas de interesse e interagir de forma cooperativa com os colegas. As atividades em grupo podem contribuir significativamente no desenvolvimento desse trabalho, à medida que, com a mediação do professor, os alunos aprenderão a compreender e respeitar atitudes, opiniões, conhecimentos e ritmos diferenciados de aprendizagem. (BRASIL, 1998, p. 54)

A aprendizagem de língua estrangeira é fundamental desde o início da vida estudantil, possibilitando ao aluno uma confiança própria, interagindo com os colegas e respeitando atitudes e opiniões. As experiências de professores podem ajudar a contribuir no processo de aprendizagem de alguns alunos, como por exemplo: pode diagnosticar o conhecimento que os alunos já têm e estabelecer estratégias para a construção de novas aprendizagens.

O domínio de mais de uma língua pode abrir fronteiras, novos horizontes para o indivíduo que a domina. O ensino de línguas, mais especificamente o inglês, considerando o seu papel fundamental na sociedade globalizada, faz-se cada vez mais necessário na vida do indivíduo, tornado-o cidadão ativo na sociedade em que está inserido. Assim como menciona Vian Junior (2012, p. 92, grifo do autor):

> Nesse sentido, a aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contradiscursos em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais (homens e mulheres, brancos e negros, falantes de línguas hegemônicas e não hegemônicas etc.). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês.

Na abordagem do autor, ele explica que a língua é vista como hegemônica, no sentido de um posicionamento no mundo global, podendo contribuir para o desenvolvimento nacional, cultural e profissional.

6.1 A importância do inglês

Aprender uma nova língua é imprescindível para a atuação na sociedade globalizada. O inglês está sendo difundido por todo o mundo, nesse processo, para

a aprendizagem de um novo idioma, as metodologias e a compreensão dessa língua, com fatores de natureza cognitiva e social, devem ser cuidadosamente observados, como observar Selbach (2010, p. 86),

> Os fatores cognitivos envolvem a contribuição do aluno tanto quanto sua ação na construção de significados, enquanto que os fatores sociais englobam o envolvimento desse aluno ao seu tempo, sua turma, sua história e a leitura que faz do mundo em que vive. Compreender, portanto, envolve a capacidade de atribuição de significado em relação interacional com quem fala, e a ressonância do que é falado com a realidade cultural que nos envolve e da qual fazemos parte.

Diante da afirmação acima, pode-se considerar que os conhecimentos de L. I tornam-se cada vez mais necessários na vida do cidadão, seja na escola, no dia a dia ou até mesmo no âmbito social. Isso irá ajudá-lo na socialização em outro universo de linguagem, nesse caso a L. I.

Segundo o que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais "[...] aprendizagem de Língua Estrangeira é a possibilidade de aumentar a percepção do aluno como ser humano e cidadão" (BRASIL, 1998, p. 63). Discutir sobre o ensino da língua inglesa requer, também, uma compreensão do que é aprendizagem, fazendo com que o espaço de sala de aula viabilize ao aluno a possibilidade de reconhecimento e a compreensão da diversidade linguística e cultural.

Ensinar é aprender, não é transmitir conhecimento. O docente não tem o "vírus" do saber, ele orienta a aprendizagem, auxilia na formulação de conceitos, a despertar as potencialidades inatas das pessoas. Atualmente, a preocupação dos professores de língua inglesa está calcada em desenvolver métodos que facilite uma melhor aprendizagem aos discentes. Dessa forma, a busca por temas que desperte a curiosidade dos alunos são condições para uma boa comunicação e interação social. Conforme afirma Almeida Filho (2010, p. 34):

> O ensino comunicativo trouxe conceitos de ensinar e aprender línguas calcados na interação e negociação de sentidos em torno de assuntos ou temas de relevância e interesse dos aprendizes assim como a subscrição de um certo conceito de linguagem como ação social e não mais como um conjunto de blocos linguísticos bem descritos por métodos científicos rigorosos.

Quando se fala em estudar uma língua que não seja a materna, os estudantes se sentem tímidos, não porque seja difícil de dominá-la, mas devido ao pequeno uso em seu cotidiano, ou seja, a prática é muito restrita. No entanto, faz-se necessária a convivência e prática dessa língua em outros contextos, tendo em vista a globalização e a interação social em todo o mundo. Segundo Lima (2011, p. 16).

> A língua nos reflete exatamente como somos, não permitindo que nos arvoremos de uma competência que não temos para parecer melhores aos outros. A língua nos potencializa se a conhecemos, mas nos trai se tentamos disfarçar um conhecimento dela que não temos.

A qualidade do ensino de língua inglesa em escolas públicas é alarmante. Muitos professores acreditam que o ensino é ruim devido à ausência de material didático, à quantidade exorbitante de alunos em sala de aula e à falta de valorização do idioma por parte da comunidade escolar e governo. De acordo com Almeida Filho (2010, p. 11, grifo do autor):

> Língua estrangeira é, por outro lado, também um conceito complexo que o professor precisa contemplar, e sobre ele refletir, no exercício da profissão. Pode significar língua dos outros ou de outros, ou Língua de antepassado, de estranhos, de bárbaros, de dominadores, ou Língua exótica. Essa nova Língua pode ser tida em melhor perspectiva como uma Língua que também constrói o seu aprendiz e em algum momento futuro vai não só ser falada com propósitos autênticos pelo aprendiz, mas também 'falar esse mesmo aprendiz', revelado índices da sua identidade e das significações próprias do sistema dessa Língua-alvo.

Nessa perspectiva, faz-se necessário o engajamento do aluno, baseando-se no desenvolvimento da sua capacidade de engajar-se no mundo social por meio da linguagem. No mundo atual os professores de L. I. acreditam que os alunos têm capacidade de aprender a língua-alvo, desde que eles queiram aprender. Dessa forma, o professor tem que saber lidar e interagir com seus alunos, procurando sempre meios que despertem neles o interesse pela língua-alvo, e não agir de maneira contrária. Como afirma Almeida Filho (2009, p. 102):

> Tal posição, a meu ver, pode levar o professor a subestimar o aprendizado de seus alunos. O fato de o professor acreditar que determinados alunos não irão aprender jamais a língua-alvo, pode fazer com que os aprendizes façam pouco esforço para aprender, ou simplesmente deixá-los de lado, o que significa dizer que podem piorar uma situação que já está ruim.

Com base nisso, o educador deve desenvolver meios e métodos para que o educando se esforce e busque o conhecimento e o entendimento da língua estudada. Visando a um desenvolvimento recíproco. Portanto, a comunicação é necessária para o desenvolvimento cultural e intelectual do educando, e o educador deve proporcionar ao aluno a oportunidade de se difundir socialmente em relação à linguagem.

Um exemplo para desenvolver a pronúncia dos alunos da língua inglesa em sala de aula, é pedir que eles pronunciem as palavras juntamente com o

professor, para que assim possam perceber a pronúncia correta. Sobre esse aspecto, Rosa (2003, p. 54, grifo do autor) considera que:

> Ao professor não cabe dizer: ‘faça como eu’, mas: ‘faça comigo’. O professor de natação não pode ensinar o aluno na areia fazendo – o imitar seus gestos, mas leva – o a lançar – se n’ água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água.

Ao professor não cabe dá receita pronta, mas ser o mediador do processo de ensino e aprendizagem. Profissionais competentes são resultados de educadores comprometidos e engajados. É preciso que todos tenham total entendimento que valorizar o professor, é impulsionar a nação, é gerar progresso.

6.2 A importância do professor na condução do ensino de língua inglesa

O papel do professor na disciplina de Língua inglesa é muito relevante, por isso requer atenção, sobretudo, com a metodologia a ser utilizada. É importante que o professor procure inovar suas aulas e seus conhecimentos para que, desta forma, venha a facilitar a aprendizagem do educando, principalmente daqueles que sentem grandes dificuldades em aprender o inglês. Também é interessante que o educador perceba e avalie sua competência linguística a fim de que o educando possa desenvolver também tais competências.

Selbach (2010, p.26) defende a ideia que “Ao professor não basta apenas o quanto ele sabe sobre a língua que ensina, vale bem mais saber muito sobre o aluno a quem ensina”. Não significa, pois, considerar que um aluno não possa aprender o inglês, mas mostrar ao professor que só o domínio sobre o inglês não é o suficiente, é essencial que além do conteúdo ele conheça o seu aluno, para poder ensinar uma outra língua. O educador precisa ter uma postura efetiva de um profissional que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado, que deve exercer o papel de um mediador entre a sociedade e a particularidade do educando. Deve-se despertar no educando a consciência de que ele não está pronto, aguçando nele o desejo de se complementar, capacitá-lo ao exercício de uma consciência crítica de si mesmo, do outro e do mundo.

O papel do professor de L.I é muito importante no contexto sócio-educativo, já que ele um elemento indispensável para a construção da formação cidadã do aluno. No entanto, essa importância do professor nem sempre é observada pelos olhos da lógica, da racionalidade da sociedade. Para criticar o processo educativo nas escolas e a prática dos professores de língua inglesa é de fundamental importância que as pessoas conheçam todo esse processo dentro do contexto escolar.

É necessário que a sociedade, de modo geral, direcione atenção para os que futuramente ocuparão os cargos e exercerão as profissões do futuro. Para isso, é necessário também o investimento no campo da educação, pois isso representa investir na formação de profissionais competentes, bons educadores. Além disso, investimento exige planejamento, distinguir a função e a importância do professor dentro do processo educativo é o primeiro passo para uma melhoria futura. Simone Selbach (2010, p. 113) ressalta que:

> O bom professor de Língua Inglesa deve ser visto por seus alunos como personagem apaixonado pela magia da palavra e, por esse motivo, os seus procedimentos em aula são diversificados, indo sempre da constatação ao uso, desta para a comparação e elaboração de hipóteses, nunca esquecendo que o eixo central do ensino é o aluno e a aprendizagem.

Como reflexo dessa proposta de compreensão, um professor ideal de língua inglesa se dispõe em sala de aula para desenvolver suas atividades com bastante entusiasmo, como um ser que gosta daquilo que faz, visando a um aperfeiçoamento do aluno em relação ao ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o educador deve primar por metodologias inovadoras e determinar como objetivo principal a aprendizagem do aluno.

Nessa visão, o educador pode marcar positiva ou negativamente com o tipo de relação que ele estabelece com seu aluno. Por isso, ele deve buscar sempre o equilíbrio no tipo de contato que ele tem com seus alunos, evitando discórdias e conflitos. Afinal, todo professor deve estabelecer uma relação amistosa e de respeito com seus alunos.

Conforme Selbach (2010, p. 33, grifo do autor):

> Um bom professor que ajuda seu aluno a ter uma boa memória não apenas o estimula atribuir significação a conceitos e resolver problemas, mas também aguçar sua inteligência e acordar sua criatividade. A memória significativa não é apenas o “combustível” da aprendizagem, é também seu “motor” e seu comando.

O docente do Ensino Fundamental, principalmente, tem que estimular a curiosidade do educando, dando-o atenção e ajudando-o em suas principais dificuldades, para que ele possa progredir no processo de aprendizagem, e também atue na sociedade como agente transformador. Cabe ao professor assumir o compromisso de relacionar-se com os seus alunos, identificando as suas dificuldades, estimulando-os ao aprendizado, à reflexão e à interação na classe.

A educação escolar tem papel primordial na formação do aluno e esclarecimento das informações que veiculam na sociedade. Para que isso aconteça, o professor do Ensino Fundamental, em parceria com a escola, deve estar sintonizado com as transformações do mundo em que vive e com a realidade do educando.

Portanto, para adquirir o papel de professor de Língua Inglesa nos anos finais do ensino fundamental com um diferencial no processo educativo, é necessário que ele esteja munido de criatividade apresentando recursos diferenciados e metodologias inovadoras. É necessário que ele tenha competência na sua área, mas que também saiba estabelecer uma relação amigável com seus alunos. Dessa forma, o aluno terá condições para obter êxito no processo de aprendizagem.

É emergente que a sociedade reflita na importância do professor para a aprendizagem do inglês. Destaca-se assim que investir na formação dos educadores, de qualquer disciplina, mas especificamente de inglês, se constitui em um fator crucial para a valorização do ensino dessa língua e, consequentemente, para a efetivação da aprendizagem dos alunos.

6.3 A metodologia de ensino da língua inglesa

Metodologia de ensino é um procedimento didático, são métodos planejados para que se possa alcançar um objetivo. De tal modo, é uma parte pedagógica que se ocupa inteiramente da organização da aprendizagem do educando e na aplicação de diversos procedimentos, no que se refere respeito ao processo de ensino e aprendizagem e à produção de conhecimento. Como reflete o autor:

> O conceito mais simples de “método” é o de caminho para atingir um objetivo. Na vida cotidiana estamos sempre perseguindo objetivos. Mas estes não se realizam por si mesmos, sendo necessária a nossa atuação, ou seja, a organização de uma sequência de ações para atingi-los. Os métodos são, assim, meios adequados para realizar objetivos. (LIBÂNEO, 2013, p. 165, grifo do autor)

A partir da abordagem acima, pode-se compreender o conceito de metodologia de ensino. Método é o caminho para se atingir um objetivo e metodologias são meios adequados para realizar objetivos.

A metodologia de ensino é aplicada pelo professor em sala de aula, sendo que é a partir dos mediadores que a qualidade de ensino é constituída em qualquer disciplina. Assim, ao professor não é suficiente apenas ter o domínio da matéria, é necessário saber socializar esse conhecimento, utilizando suas competências e habilidades. Nesse contexto, e em se tratando do ensino de inglês, o papel da didática é fundamental.

> [...] Didática é a disciplina que estuda o processo de ensino tomado em seu conjunto, isto é, os objetivos educativos e os objetivos de ensino, os conteúdos científicos, os métodos e as formas de organização do ensino, as condições e meios que mobilizam o aluno para estudo ativo e seu desenvolvimento intelectual. (LIBÂNEO, 2013, p. 75)

A partir dessas considerações, é fundamental que o professor de Língua Inglesa utilize a didática, pois ela é necessária para o processo de ensino e aprendizagem. É ela que dará ao docente, fundamentos de que precisa para compreender a prática educativa e proporcionar um ensino com qualidade, considerando todo o contexto educacional.

Segundo os PCNs, “[...] O professor de Língua Inglesa deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno” (BRASIL, 1997, p. 25). É preciso estimular os discentes de forma amigável a se envolverem também com o seu próprio processo de aprendizagem, levando-os a tomar consciência do caminho a ser percorrido.

Nesse sentido, cabe à escola e ao professor de inglês promover um ensino que possibilite ao aluno inserir-se no mundo globalizado com condições reais de competir no mercado de trabalho e realizando-se enquanto cidadão do mundo.

Como afirma Martinez (2009, p. 43):

> A noção de didática deve englobar ainda a construção dos saberes ensinado, de um lado, e a consideração da interação entre ensino e aprendizagem, de outro. O trabalho didático não se resume, pois, a uma

> transformação de objetos [...], nem em um conhecimento cumulativo, mas implica uma transformação dos próprios agentes: o aprendiz, o professor também, em uma trama cultural, social, histórica.

Vale ressaltar também que este processo passa a ser construtivo na medida em que o aluno se envolve na aula do professor de inglês. O aprendiz deve saber organizar, planejar e focar as suas aprendizagens. Além disso, ele deve saber reconhecer os objetivos traçados no ensino da língua inglesa, pois isso leva a ter uma compreensão sobre o contexto social em que vive. Selbach (2010, p. 30) afirma que: “O professor pode passar uma informação, mas verdadeiramente ensina quando sabe transformar essa informação em conhecimento, desafiando novos pensamentos”. Para concretizar esse propósito, deve-se lembrar que o professor não é transmissor de conhecimento, mas sim intermediador de informações, informações essas que podem contribuir para o crescimento intelectual do educando.

Assim, compreende-se que as metodologias que o educador utiliza em sala de aula é de suma importância para um melhor aprendizado do aluno, sobretudo quando se refere ao ensino de língua inglesa, que exige metodologias diversificadas para que o aluno se envolva e se sinta atraído pelo assunto em questão. Ressalta, ainda, que o inglês é uma ferramenta imprescindível no âmbito social.

É nessa corrente de pensamento que Libâneo (2008, p. 250) analisa que: “O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Devendo dar-lhe atenção e cuidar para que aprendam a se expressar, a expor opiniões e dar respostas”. É nessa concepção que o professor deve propor desafios aos alunos, despertando neles a curiosidade e a busca pelo novo, observando a necessidade de aprender uma segunda língua.

Diante disso, é perceptível que, quando o professor utiliza diferentes metodologias, os alunos conseguem assimilar melhor o conteúdo proposto, conforme Ferreira (2013, p. 42): “[...] investir em formas de ensinar apoiadas em textos, vídeo e diálogos contextualizados”. Acredita-se que ao investir em novas metodologias o professor estará levando os estudantes a terem uma melhor aprendizagem, pois estas contribuem para despertar a atenção e o interesse dos alunos. Antunes (2011, p. 11) expõe sua ideia da seguinte forma:

> Anos atrás, o professor deveria levar a seus alunos as informações especializadas de sua disciplina, aprendidas em seus estudos, e aos alunos

> cabia assimilá-las de maneira significativa ou mecânica. Hoje, já não é mais necessária essa tarefa, uma vez que essas informações transitam por todos os meios – livros didáticos, fascículos, apostilas, revistas, jornais, vídeos, programas de computador, busca na internet – mas seu excepcional volume e necessidade constante de atualização torna necessária sua transformação em conhecimentos, habilidades, práticas cívicas, enfim, sabedoria.

A partir do exposto, compreende-se que o professor não deve se prender aos métodos tradicionais - com uso restrito e mecânico de recursos -, mas sim buscar novas fontes, novas formas de estudo, para que assim o educando possa se posicionar de maneira crítica diante da sociedade que ele está inserido.

Há sempre discussões entre os educadores sobre as metodologias que podem ser trabalhadas em sala de aula, e como essas podem interferir no processo de aprendizagem do educando. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

> Havendo, na escola, acesso a revistas, jornais, livros, TV, vídeo, gravador, computador etc., típicos do mundo fora da sala de aula, tais recursos podem ser usados na elaboração de tarefas pedagógicas, para deixar claro para o aluno a vinculação do que se faz em sala de aula com o mundo exterior (as pessoas estão no seu dia-a-dia envolvidas na construção social do significado; as possibilidades que existem fora da sala de aula de se continuar a aprender Língua Estrangeira). (BRASIL,1998, p.87):

Portanto, destaca-se que o uso de novas metodologias contribui para facilitar o entendimento do educando, sendo que o professor deve trabalhar assuntos diversificados que repercutem no dia a dia do aluno. O importante também é despertar a curiosidade do educando, incentivá-lo a apreender a língua inglesa, depois ele terá condições de buscar as informações a partir do próprio interesse.

7 CONCLUSÃO

O processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa nas escolas tem um caráter relevante para a sociedade atual, pois aprender o inglês se constitui uma habilidade imperiosa para a compreensão e participação do mundo globalizado, nos aspectos culturais, econômicos e científicos. Dessa forma, o principal objetivo desta pesquisa foi apresentar um estudo bibliográfico sobre a importância da aprendizagem do inglês nos anos finais do Ensino Fundamental nos dias atuais, uma vez que é nessa etapa que os alunos estão desenvolvimento o conhecimento sobre aspectos relevantes dessa língua.

Por meio da discussão de diferentes teóricos, como Vian Junior (2012), Selbach (2010), Godinho (2001) e Silva (2011), que é eminente a necessidade de estudos, análises e reflexões sobre o ensino da língua inglesa no âmbito educacional. Nesse sentido, cabe à escola e ao professor de inglês promover um ensino que possibilite ao aluno inserir-se no mundo globalizado com condições reais de competir no mercado de trabalho e que o mesmo se realize enquanto cidadão do mundo, uma vez que o inglês é visto como língua universal.

No entanto, precisa haver, tanto por parte do docente quanto pelo discente, a valorização e a conscientização de que o ensino de língua inglesa é cheio de preconceitos que não deveriam existir. Em verdade, os indivíduos devem conhecer o inglês como fonte de informação no meio social.

O uso de determinadas palavras no dia a dia em inglês como por exemplo: shampoo, lan- house, hot dog, shopping, dentre outras, muitos a utilizam, porém, não reconhecem que estão empregando essas palavras da língua inglesa no seu cotidiano, já que só há comunicação se houver entendimento e muitos não compreendem essa língua. Assim, para que se possa haver comunicação entre as pessoas na sociedade, mesmo em situações rotineiras, e atender a essas deficiências, a escola deve se apresentar com a função de atender às deficiência de aprendizagem da língua inglesa. Além disso, é imperioso que as pessoas busquem conhecer o inglês, para que elas possam continuar inseridas ou se inserindo no mundo moderno no interior de qualquer país.

Em suma, acredita-se que este trabalho monográfico possa proporcionar o conhecimento histórico e atual da língua inglesa. Além de propiciar uma ampla

visão sobre a aprendizagem do inglês nos anos finais do ensino fundamental. É importante ressaltar que apesar das dificuldades existentes no ensino e aprendizagem dessa língua, é necessário que a sociedade valorize os profissionais dessa área, que os educadores estejam sempre dispostos a renovar seus conhecimentos.

Portanto, aprender o inglês nos anos finais do ensino fundamental é uma oportunidade não apenas de dominar um segundo idioma, mas também de ter o contato com uma nova cultura, com novos costumes e novos saberes. Assim, o processo de ensino e aprendizagem do inglês, nessa etapa, não deve ser visto com um olhar limitado, mas como uma oportunidade de se desenvolver intelectualmente.

Em suma, dominar o inglês é uma competência necessária para os educandos se destacarem na sociedade. Para tanto, os educadores devem estar atualizados, tanto em informações quanto em procedimentos de ensino, para que a aprendizagem possa se efetivar. Além disso, um professor competente é capaz de perceber de diagnosticar as dificuldades dos alunos e proporcionar condições de aprendizagem a partir do contexto real dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. **O professor de língua estrangeira em formação.** Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 2010.

ANTUNES, Celso. **Como transformar informações em conhecimento.** 8 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua Portuguesa**.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAVES, Carla. **O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil**: para inglês ver ou para valer?. 2004.26 p. Monografia (curso em Especialização em Educação Infantil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FERREIRA, Anna Rachel. As coisas de que a classe gosta vão dar o que falar: ensine como usar o verbo gustar para os adolescentes expressarem suas preferências. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXVIII, nº 262. abril, maio de 2013.

GODINHO, John da Silva. **Once upon a time um inglês**... : a história, os truques e os tiques do idioma mais falado do planeta**.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GOIS, Andreza Santos de et al. A língua inglesa e o mercado de trabalho Sergipano**.** Aracaju, Cadernos de Humanos, v.1 / n.16, 2013. Disponível em: <HTTP://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernoshumanos>. Acesso em: 22 ago 2014.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA, Lopes L.P. (Org). **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contecturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999. Disponível em: < www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/pdf>. Acesso em: 14 de ago. 2014.

LIBANEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e pátria. 5. ed. ver. ampliada. Goiânia: MF livros, 2008.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino aprendizagem de língua inglesa:** conversas com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Inglês em escolas publicas não funciona? uma questão, múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARTINEZ, Pierre. **Didática de línguas estrangeiras.** São Paulo: Parábola, 2009.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e o império**: Subsídios para a história da educação no Brasil, 1823 – 1853. vol. 1. São Paulo: Nacional, 1936.

NASCIMENTO, Dalilla de Souza; SILVA, Francisco das Chagas Candeira da; Gonçalves, Leiff Alain R. Aguiar. **Língua inglesa**: desenvolvimento histórico e influência no mundo moderno**.** Chapadinha, 2010.

PIRES, Eliane Cristine Raab, **A língua inglesa**: uma referência na sociedade da globalização. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2002.

SALLES, Michele Ribeiro; GIMENEZ, Telma. Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão. **Belt Journal**, Porto Alegre, jan./ jul. 2010.

SELBACH, Simone. **Língua estrangeira e didática:** supervisão geral. Petrópolis,RJ: Vozes, 2010.

SILVA, A. G. **Ser bilíngue na era da globalização**: um estudo de caso. diálogo interação**.** Vol 1, dissertação de mestrado. Goiânia, 2009.

SIRKIN, Harold L, James W. HEMERLING ; Arindam K. BHATTACHARYA. **Globalização**: a nova era da globalização. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Dicionário informal**. Disponível em:<www.dicionárioinformal.com.br/topônimo>. Acesso em: 13 set. 2014.

VIAN JUNIOR, Orlando: **Língua e cultura inglesa.** Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

VICHESSI, Beatriz. Fala, mestre! Luis Carlos de Menezes, São Paulo, **Revista Nova Escola**, ano XXVIII. Nº 264. Abril, ago de 2013.

VICENTINO, Claudio. História geral. São Paulo: Scipione, 1997.

VINEY, Brigit. **The history of english language**. New York: Oxford University Press, 2003.